Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 33
21 de novembro de 2009

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos, sejam bem vindos. Hoje eu gostaria de tratar de dois temas que estão bastante interligados e creio que o segundo deles será de uma importância duradoura para todos os nossos estudos daqui por adiante.

O primeiro é o seguinte: eu sempre recomendei que não se estudasse filosofia por um método histórico – ou seja, por autores, como em geral se faz. A filosofia não é como a literatura, a poesia, nos quais cada autor tem um corpo de obras que tem de ser conhecido de forma total. Nenhuma obra filosófica tem aquela completude, aquela inteireza, das obras literárias. Tome como exemplo o conjunto das peças de Shakespeare: isso é a obra de Shakespeare, onde está toda a concepção da obra do artista. Em filosofia isso jamais se realiza. Não há a mais mínima possibilidade de que a investigação filosófica alcance uma expressão literária perfeita e acabada. Sempre existe uma descontinuidade, um rombo, um buraco, uma deficiência qualquer. Isso sempre existe. Não deixa de ser simbólico que, das duas grandes obras filosóficas da Antiguidade, falte na (a) de Platão a parte esotérica – a parte interna, mais elevada, que teria sido o ensinamento oral de Platão transmitido a seus alunos, a qual depois Giovanni Reale e Mário Ferreira dos Santos tentam reconstruir em uma base mais ou menos conjectural – e sobre somente a obra popular; e na (b) de Aristóteles aconteça exatamente o contrário: só nos sobraram as apostilas de aula – e mesmo assim de uma forma incompleta –, enquanto todos os seus escritos populares desapareceram. Em uma falta a metade de cima, e na outra falta a metade de baixo. Acho mesmo que isso tem um significado simbólico, marcando o que seria o destino da filosofia ao longo dos séculos. Como a filosofia é uma permanente recolocação de si mesma como problema – não é uma investigação permanente –, então a possibilidade de uma expressão literária formal e acabada é muito remota.

Isso, no entanto, acontece às vezes. Algumas obras são bastante completas nesse sentido. Acho que Immanuel Kant conseguiu dar à sua obra uma estrutura mais ou menos similar à do seu pensamento e preencher todos os pontos conforme lhe parecia conveniente. O mesmo acontece, por incrível que pareça, com o nosso Mário Ferreira dos Santos: ele não deixou nada em branco, não faltou praticamente dizer nada. Até suas obras "incompletas" estão suficientemente completas para que consigamos imaginar o que seria o resto delas. Um outro caso é o de Henri Bergson, que disse "minha obra está

completa e não tenho nenhuma palavra a acrescentar”.

Mesmo isso não quer dizer que a expressão literária ali alcançada seja suficiente, e a prova disso é que você pode permanentemente tentar até mesmo expor, de uma maneira mais completa e mais clara, aquilo que o filósofo quis dizer. Ao considerar a fileira inteira dos comentadores de Aristóteles e Platão desde a Antiguidade e Idade Média até hoje, você verá que muito dos comentários são indispensáveis para compreender o pensamento desses filósofos – o pensamento não se materializou em formas linguísticas perfeitamente satisfatórias. Tudo que é explicado pode ser explicado de uma maneira melhor, e muitos dos problemas deixados de uma maneira mais ou menos nebulosa podem ser trazidos à luz mais tarde.

Desse modo, não tem sentido falar em obras completas em termos de filosofia – isso é muito importante. Uma coisa é a filosofia do seu Fulano de Tal: outra coisa é sua obra escrita ou mesmo gravada. Ao considerar a obra de um poeta, romancista ou dramaturgo, você verá que – fora da sua obra publicada com um intuito artístico formal, consciente, *ex professo* – outros escritos que ele possa ter deixado (cartas, documentos, etc.) só terão importância biográfica, não irão alterar a estrutura das obras. No caso da filosofia, contudo, às vezes até em um bilhetinho que o sujeito deixou pode conter o mais importante, algo que não esteja nem mesmo nos livros publicados. Tanto é assim que algumas obras se constituem destas anotações e bilhetinhos, como o são as próprias obras de Aristóteles: apenas notas tomadas para o desenvolvimento em aula. O que ele disse em aula não sabemos; podemos apenas conjecturar. A partir de várias notas fragmentadas é possível juntar e verificar que – como há uma coerência entre vários pontos – provavelmente o que Aristóteles explicou ali oralmente foi isso e mais isso. Foi exatamente o que fiz com a Teoria do Quatro Discursos.

[06:10][verificação de problemas na transmissão][07:46]

Como eu estava dizendo, vamos supor que você encontre umas cartas de Shakespeare. Elas talvez possam até mudar a sua concepção biográfica dele ou a compreensão psicológica da coisa, mas não vão alterar a estrutura e a organização interna das obras. A estrutura da obra literária de Shakespeare está inteira nas suas obras literárias; mas nós não podemos dizer que a estrutura do pensamento de Platão está toda nos escritos de Platão — nunca está. Mesmo que o filósofo tenha a felicidade de completar todas as obras escritas que planejou – como acontece no caso de Henri Bergson, Immanuel Kant ou Mário Ferreira dos Santos –, mesmo aí não há uma correspondência perfeita. Sempre há algo a mais a se captar além de o que está nas obras. Geralmente se usa o termo “filosofema” – se constrói este termo exatamente como um teorema. Filosofema é a estrutura inteira do argumento do filósofo, quer esteja ou não escrito. Então a estrutura do filosofema raramente corresponde à estrutura da obra escrita. Em alguns dos maiores casos da humanidade, não corresponde. Em Platão, Aristóteles, Leibniz não corresponde; e no próprio São Tomás de Aquino, cujos escritos são uma das coisas mais organizadas do mundo, também falta alguma coisa. Portanto o modo de você estudar uma obra literária não é o mesmo de se estudar uma obra filosófica. Na primeira, deve-se achar o filosofema que está por trás daquilo tudo e que às

vezes está exposto de uma maneira mais adequada; outras vezes, de maneira menos adequada – mas a adequação perfeita não existe.

O que você está procurando não é o texto filosófico e, sobretudo, não é a estrutura do texto. **[0:10]** Esse é um problema da USP, onde acharam que o exame das estruturas – graças aos bons resultados do método desenvolvido por Martial Gueroult na análise das *Meditações Metafísicas* de Descartes – poderia ser aplicado a tudo e ser generalizado. Então a filosofia se transforma no estudo das estruturas de texto. Isso é uma besteira fora do comum. A estrutura de um texto filosófico é somente a estrutura daquele texto e pode não corresponder à filosofia, sobretudo porque a busca da filosofia é uma coisa permanente que só termina depois que o sujeito morre. Se, por exemplo, você estudar a estrutura de todos os textos de Schelling, não irá compreendê-lo, pois ele mudou de direção quatro vezes. É como se você dissesse que o conjunto não tem estrutura – o autor está buscando uma estrutura. E quando ele encontra a concepção que o satisfaz no final, você tem de saber como enquadrar nesta estrutura final as tentativas anteriores. A mesma coisa acontece com Eric Voegelin, com vários começos e recomeços.

É claro que você sempre pode encontrar alguma ordem interna que abranja, ao mesmo tempo, a estrutura do pensamento do cidadão – a sua hierarquia interna, portanto – e a conexão disso com o desenvolvimento biográfico do pensamento do camarada. Você sempre pode encontrar isso e é isso que você deve procurar. Mas isto eu garanto que não está em nenhuma obra. Não houve nenhum filósofo que descrevesse a própria evolução de seu pensamento de tal modo que a forma final dela coincidisse com a que a forma final do seu pensamento. Isso não existe. Compreender uma filosofia é compreender exatamente isso. Se você for estudar por autores, você irá arrumar um "abacaxi" absolutamente insolúvel e ficará o resto da vida sob essa impressão que encontro em um livro, *Marxismo e Descendência,* de Antônio Paim (editado por ex-alunos meus, César Kyn e Adelice Godoy), no qual ele começa dizendo que provavelmente uma interpretação definitiva e perfeitamente clara de algum filósofo nunca vai existir. Paim está sob esta impressão porque toda a sua mentalidade foi formada no estudo dos filósofos modernos. Com relação a Aristóteles, não há tantas divergências assim. Eu acho que, praticamente, existem duas escolas de interpretação de Aristóteles divergentes, mas ainda assim conciliáveis. Não é problema não chegar a uma interpretação final de um filósofo: o problema é que a filosofia não termina. O problema não é a variedade das interpretações.

Com relação às obras de arte literária, no entanto, as interpretações realmente são em número ilimitado. Elas coincidem estruturalmente em alguns pontos, mas você pode dar delas as interpretações as mais desencontradas possíveis. Essa flexibilidade que você tem da interpretação das obras de um Shakespeare, de um Rimbaud, de um Goethe, você não tem na filosofia realmente. Por exemplo, dê-me uma interpretação ateística das obras de São Tomás de Aquino, ou uma interpretação materialista das obras de Platão. Você não consegue. O problema não é a variedade de interpretações. O problema é o caráter, por assim dizer, *interminado* da filosofia mesma. Esse problema é invencível. Como seu próprio nome diz – "amor à sabedoria" –, a filosofia é

uma busca da sabedoria: ou o sujeito encontrou definitivamente a sabedoria e se incorporou nela e virou o Logos encarnado – o que é impossível –, ou então você sabe que aquilo não vai terminar. Ao aventurar-se a estudar filosofia por autores, você sempre chega nisso. Também é importante saber que o valor da obra de Shakespeare não depende em nada de o que os fulanos escreveram depois. Vamos supor que a literatura inglesa tenha terminado em Shakespeare. Ele publicou o seu último volume e daí veio um furacão, afundou as ilhas e acabou a Inglaterra, a Escócia, a Irlanda, acabou tudo — não tem mais cultura ali. As obras de Shakespeare continuam valendo o que valem. No entanto, em filosofia as coisas não são assim. O pleno vigor de uma filosofia às vezes só se revela na sua continuação. Há até aquela frase brilhante de Heidegger — não sou um fã de Heidegger, mas aquilo é uma coisa tão exata. Nem fui o primeiro a citá-la, e sim Merleau-Ponty, que ficou impressionado com essa frase, assim como eu — que diz que às vezes aquilo que não está declarado na filosofia, que não está sequer pensado nela, só se torna pensável graças àquela filosofia. Uma coisa que o próprio autor não esperava que acontecesse, mas aquilo cria efeitos. É importante saber que a finalidade da filosofia não é produzir obras escritas, isso é literatura. A finalidade da filosofia é descobrir alguma coisa, saber alguma coisa, compreender alguma coisa. Portanto, se você perguntar onde está corporificada a obra de Shakespeare, eu digo que está nos escritos dele: as obras de Shakespeare são os escritos de Shakespeare. Mas onde está corporificada uma filosofia? Está no filósofo, não na obra escrita. O fato de que o fundador da filosofia, Sócrates, nunca tenha escrito um livro já é um elemento simbólico que marcou todo o desenvolvimento da história da filosofia ocidental. Nós compreendemos a filosofia de Sócrates como um movimento e um estímulo; e não como uma estrutura fechada. Em alguns casos você tem uma estrutura mais fechada, em outros uma estrutura mais em aberto, mas este empurrão inicial continua de século em século. Cada filósofo levanta uma série de problemas na esperança de que, mesmo que ele não resolva todos, talvez alguém resolva depois. A filosofia mais clara e mais organizada, que é a de Aristóteles, termina com um enigma, um baita ponto de interrogação, quando ele diz que os entes só existem como individualidades, que não há existência genérica — por exemplo, uma espécie só existe nos indivíduos que fisicamente a manifestam. Você não vai ver a espécie gato, ou a espécie lagartixa, andando por aí: vai ver um gato ou uma lagartixa —, mas que por outro lado só existe o conhecimento no nível do geral, a ciência só trata do geral. Bom, então nós estamos com um belo abacaxi na mão! Nós temos aí um hiato, uma tensão entre o ser, que é necessariamente individual, e o conhecimento que é sempre genérico. Isso tem solução? Tem, mas Aristóteles não resolveu isso. Ele deixou o abacaxi para depois. Conforme o desenvolvimento que foi dado a isso depois pelos escolásticos, especialmente São Tomás de Aquino e Duns Scot — ambos trataram deste problema de maneiras diferentes —, o próprio sentido e o valor que a filosofia de Aristóteles tem muda para nós. Aristóteles considerado tão-somente na forma final dos seus escritos é uma coisa; e Aristóteles considerado como potencialidade que se atualiza nos seus sucessores é outra coisa completamente diferente. Então se vocês ouvirem o Sr. Gianotti dizer que a filosofia é uma atividade que lida essencialmente com texto, informem que ele está totalmente enganado: em filosofia os textos são somente pretextos para tratar de alguns problemas reais. A filosofia não estuda textos: estuda a

realidade da experiência humana. É esse o objeto dela. E como ninguém pode ter a pretensão de ter resolvido a realidade da experiência humana na sua totalidade, então a coisa está sempre em aberto, está sempre continuando. Como dizia São Tomás de Aquino, “a verdade é filha do tempo”. Às vezes, para resolver um “problemica”, passam-se muitas gerações e o primeiro sujeito que levantou o problema nem fica sabendo da solução porque já morreu.

Se não é para estudar por autores, como é que nós temos de estudar? Claro que um dia você terá de estudar as histórias da filosofia, terá de seguir a sequência. **[0:20]** É claro também que algum dia você vai ter de enfrentar algum autor filosófico em particular e estudar a obra inteira dele. Claro que um dia você vai ter que fazer isso. Eu só não digo que se deva fazer isso no início. Acho que a melhor maneira é estudar por problemas e levantar o *status quaestionis*, ou seja, a história inteira das discussões sobre aquele ponto – com o agravante de que, às vezes, as grandes ideias sobre aquele assunto estão dadas em escritos que não tomavam aquele assunto como seu objeto formal, mas tocavam nele de raspão. Levantar um problema e tentar rastreá-lo ao longo do tempo é, em primeiro lugar, uma prática da pesquisa bibliográfica. Você vai ter de buscar até saber quais são os documentos que atestam da melhor maneira possível o desenvolvimento das investigações sobre aquele tema desde que ele apareceu até hoje. Ser capaz de reconstruir a bibliografia suficiente para informar o *status quaestionis* é um grande aprendizado. Se fizer isso uma única vez, você vai ser marcado pelo resto da sua vida, porque vai entender como é difícil descobrir qualquer coisa. E você vai descobrir o número de erros e de falsas pistas que temos de seguir para, às vezes, descobrir alguma coisa que estava na cara desde o começo. Isso acontece muitas vezes, não só na história da filosofia, como na história das ciências também.

No Brasil não há nenhum nível de ignorância que seja excessivo para o brasileiro. O brasileiro consegue coisas que ninguém mais consegue. Outro dia vi uma pessoa pontificando aí, confundindo *status quaestionis* com *state of the art.* Quando você diz que um determinado objeto reflete o *state of the art,* você quer dizer que é o suprassumo do desenvolvimento tecnológico, que apaga todos os anteriores. No *status quaestionis* é justamente o contrário. *Status quaestionis* não é *state of the art,* é a história inteira da coisa e não somente a última coisa que foi dita sobre ela. A última coisa em filosofia não faz sentido nenhum se separada da discussão inteira que a levou até ali. Quando você compra um carro *state of the art*, é o mais avançado que há. Se *state of the art* fosse *status quaestionis*, você teria de comprar esse carro mais o anterior, e assim por diante, até o primeiro. Ao comprar um computador com o sistema operacional mais avançado – o Snow Leopard, da Apple –, você teria de comprar todas as versões dos outros sistemas lançados, incluindo o as primeiras versões do Windows, até o DOS. Felizmente, para o consumidor, *state of the art* não é *status quaestionis*, mas infelizmente para nós *status quaestionis* é *status quaestionis*. Você só vai entender a questão se rastrear toda a discussão.

Note bem: ao rastrear o *status quaestionis,* você não está fazendo obras de historiador, não está interessado na história do desenvolvimento da questão, mas na própria questão. E você só vai buscar, desses vários elementos que

compõem o *status quaestionis,* aqueles que interessam para a solução do problema agora. Se fosse fazer obra de historiador, você teria de rastrear tudo – o que é importante e o que não é. A investigação do *status quaestionis* é o preliminar histórico à abordagem de uma determinada questão filosófica. Ao rastrear isso, você vai se perder mil vezes em falsas pistas, em documentos que não interessam absolutamente. Você vai ter de ler cem vezes mais coisas do que aquilo que interessa, mas quando tiver na mão a sequência dos documentos que marcaram as etapas significativas da discussão, que deram contribuições que ainda são importantes para você hoje, aí você vai ver que maravilha que é isso, porque então você poderá ter certeza de que está discutindo aquela questão no nível mais alto de consciência que é possível ter a respeito.

Isso não quer dizer que você vai acertar, não quer dizer que você vai descobrir a verdade. Pode ser que todo mundo tenha errado e você vá errar junto; mas você poderá ter certeza de que está fazendo o melhor possível. Dizer: “olha, estou aqui investigando a coisa na companhia das pessoas mais sérias, mais devotadas e mais inteligentes que se dedicaram a ele ao longo da história do mundo”. É claro que todos nós podemos errar em conjunto, mas isso é menos arriscado do que eu estar investigando a questão apenas junto com o Dr. Emir Sader, ou com o Paulo Ghiraldelli, alguém assim. Você vai se cercar de melhores companhias. A própria Bíblia diz que quando você tem mais conselheiros, supondo-se que sejam conselheiros sinceros, pois há sujeitos que dão conselho por inveja – no Brasil isso quase sempre é assim: se você pede conselho para o sujeito a respeito de uma idéia brilhante e maravilhosa, ele diz para não fazer, porque isso vai dar errado. Ele já vai querer te deprimir; esse é chamado, na Bíblia, de conselheiro invejoso –, enfim, quando você tem bons conselheiros, é bom que os tenha em mais número, porque eles irão mostrar outros aspectos que talvez um outro conselheiro não tenha visto. Na questão do *status quaestionis* é a mesma coisa. Vamos supor que eu pegue uma questão em que haja um parecer de Platão, Sócrates, Aristóteles, São Tomás de Aquino, Duns Scot, Leibniz, Schelling, Husserl, etc., chegando até hoje. Então você está investigando a questão em muito boa companhia e pode ter certeza que está investigando no nível mais alto que foi até o momento. Isso dá uma garantia de que você está se movendo em um terreno limpo. No entanto, se a escolha da questão não reflete um interesse existencial verdadeiro e profundo do estudante, aquilo tudo não significa nada, é apenas um trabalho acadêmico. Se existe uma coisa que é absolutamente imperdoável em filosofia é o hiato entre o que é a trabalho acadêmico e o que é a sua investigação existencial. Quando a filosofia se transforma em pura atividade acadêmica sem esse comprometimento existencial, você entra na paralaxe cognitiva. Isso é inevitável. Como isso é justamente o que nós estamos tentando evitar, então é fundamental a sinceridade do seu interesse pela questão e a importância que ela tenha para você enquanto indivíduo humano real, ou seja, para as suas decisões, para o alívio das suas angústias. Isso vai dar o nível do seu comprometimento sério com a questão. Como nós vamos aqui tratar uma série de questões filosóficas para exemplificar para vocês a arte e a técnica da investigação filosófica, então é óbvio que eu vou ter de escolher as questões, não vou poder fazer uma enquete. O máximo que vocês podem ajudar é ver como essa questão repercute em vocês. Pode ser que eu consiga despertar o

seu interesse existencial e não apenas intelectual, acadêmico, pela questão; ou pode ser que não. Aqueles que eu não conseguir "tirar do sono" – eu falo, falo, falo e o sujeito não consegue se interessar por ela – vão ter um problema muito sério durante este curso. Espero que todos acabem se interessando. Ao investigar essas questões, também não vou exemplificar aqui a técnica da reconstituição do status quaestionis pela sua ordem inteira. Apenas vou usar vários elementos que vou colher aqui e ali, que são pertinentes ao tema, sem nenhuma intenção de mostrar a evolução inteira do status quaestionis. Estou só exemplificando certos pontos, certas conquistas que foram feitas, por vários autores. E é claro que vou me permitir uma coisa que, no começo, vocês não devem se permitir, que é usar como referência para a questão texto de autores que estão muito separados entre si e que não tem nenhuma referência um ao outro, que só por coincidência dizem uma coisa pertinente à investigação. **[0:30]** Note que, às vezes, as ideias mais brilhantes sobre um determinado tema serão encontradas nos lugares mais inesperados. Vão estar fora da bibliografia filosófica usual, ou fora da bibliografia filosófica formalmente pertinente.

Se se permitir fazer isso no começo dos seus estudos, você vai se tornar um colecionador de curiosas coincidências. Desenvolver o senso do que é realmente pertinente e do que não é leva alguns anos. Geralmente, quando o sujeito começa a estudar, vê analogias e ligações em tudo; não que estas analogias não existam, mas elas não são historicamente significativas. Vou dar um exemplo. Vou me permitir responder uma carta no meio desta exposição, porque trata exatamente do problema aqui. O remetente é Márcio Luis Freyesleben – bonito nome:

"Em uma aula passada, o senhor disse que a física quântica não pode ser explicada pela ciência moderna. No entanto, a quântica se ajusta aos conceitos da ciência medieval e à escolástica. Eu não entendi, mas fiquei bem com essa idéia na cabeça."

Bom, não vou explicar isso agora, mas você pode encontrar uma explicação perfeita no livro *The Quantum Enigma*, de Wolfgang Smith, onde está tudo explicadinho. Talvez um dia a gente leia esse livro juntos, mas por enquanto me limito a indicar esse livro. Daí continua ele:

"Comecei a pesquisar e encontrei no YouTube um documentário exibido pelo History Channel chamado Tudo sobre a incerteza: a mecânica quântica*. A certa altura do programa, foi dito o seguinte: 'A* ***totalidade sem costura*** *é uma teoria desenvolvida por David Bohm, que propõe que todo objeto quântico está conectado a todos os outros objetos quânticos. Assim, na visão emergente da ciência de vanguarda o mundo é uma totalidade sem costuras composta por suas partes. Mais que isso, é uma totalidade em que permanentemente todas as partes estão em contato umas com as outras. Há um contato íntimo e constante entre as coisas que coexistem e co-evoluem no universo, uma partilha dos laços e mensagens que transforma a realidade numa prodigiosa rede de interação e comunicação, uma lagoa murmurante, sutil mas onipresente'. Pois bem, por coincidência eu estava começando a ler* A Presença Total*, do Louis Lavelle, quando me deparei com a seguinte afirmação: 'Desejaríamos mostrar que o próprio do pensamento, não é, como se crê,*

separar-nos do mundo, mas nele nos estabelecer. Em vez de nos encerrar em nós mesmos, ele nos descobre a imensidade do real, na qual mais não somos do que uma parcela que é mantida e não esmagada pelo todo onde é chamada a viver. Nela e no todo é o mesmo ser que está presente sob uma forma tão participada como participante; é a mesma luz que nos descobre, ora a sua face iluminante, ora a sua face iluminada (...)'"

E assim vai.

Então ele pergunta:

"O David Bohm e o Louis Lavelle estão falando da mesma coisa?"

Não, de maneira alguma. Nada. Parece, mas não é. Lembra a lógica da minha filha Inês, das quatro categorias: parece, mas não é; parece, e é; não parece, mas é; e nem parece, nem é. Isso aqui faz parte do método filosófico. O caso, aqui, parece, mas não é. Porque o que o Louis Lavelle fala da presença total é a presença do ser enquanto tal independente de quaisquer distinções internas que você faça dele. Nós sabemos que a realidade tomada como um todo – note bem: a realidade, não o Universo – é uma unidade, tem uma unidade. Ela é uma só. E estamos dentro dela. Agora, David Bohm está falando isso do universo físico. Nós não sabemos se o universo físico é uma totalidade. O universo físico é definido por certas propriedades específicas, e se ele é definido por certas propriedades específicas, jamais pode ser uma totalidade – considerado em si mesmo. Se ele fosse uma totalidade em si mesmo, nada poderia haver fora dele. Eu conheço bem esse autor, David Bohm, e o considero um dos maiores charlatães de todos os tempos, embora evidentemente ele diga muitas coisas que podem soar atraentes – isso aqui, por exemplo. Por que isso soa atraente? Porque isso lhe dá aquela mesma impressão de unidade e reintegração que você obtém no Louis Lavelle. Uma coisa, no entanto, é falar da realidade como um todo e dizer que ela é um todo; e outra coisa é você dizer o universo físico e dizer que ele é um todo. Para que o universo físico fosse um todo seria preciso que absolutamente tudo se regesse pelas leis da física. Mas as leis da física dependem das leis da aritmética elementar, as quais não dependem da física absolutamente. Sem a aritmética e sem a matemática, não há física alguma. **[00:36]** Por exemplo, se nós entendemos que existe uma esfera da realidade que consiste de relações matemáticas e outra esfera de realidade que consiste de entidades físicas que ocupam lugar no espaço e que têm um certo comportamento físico identificável por experiência, nós sabemos que não estamos falando da mesma coisa. Estamos falando de duas faixas do universo. O que o Louis Lavelle chama de presença total inclui essas duas faixas e tudo o mais o que você possa conceber e o que você não possa conceber. O conceito de Louis Lavelle é um conceito em aberto; ele está falando de uma totalidade que é una mas é infinita, dentro da qual nós estamos. E o outro está falando apenas de uma faixa da realidade que pode ser enormemente confusa e ilimitada quantitativamente, mas que não pode ser infinita. Então, parece que eles estão falando a mesma coisa, mas não estão.

Por isso que eu digo para vocês, no começo dos seus estudos, utilizarem fontes que são formalmente pertinentes ao mesmo assunto e que fazem parte do desenvolvimento histórico daquela discussão. Porque, se for procurar idéias ou sugestões fora daquilo, você pode cair nas falsas analogias, que são em número ilimitado. Se você faz isso, cai no mais temível amadorismo que pode haver. Isso é um perigo! E é um perigo que todos os estudantes, mesmo os mais talentosos, dificilmente evitam no começo. A própria natureza do processo criativo é a junção de duas linhas, duas linhas separadas que de repente se juntam em algum ponto – isso está no brilhante livro do Arthur Koestler, *The Act of Creation* [O Ato de Criação].

Bom, uma coisa é a dinâmica da nossa criatividade mental, outra coisa é a realidade do conhecimento que nós obtemos através dela. Se numa investigação filosófica, você se permite buscar inspirações em quaisquer analogias que vão lhe aparecer pelo caminho, você vai se perder porque isso nunca termina – e você nunca vai saber o que tem e o que não tem a ver. Ao adquirir a prática, ao conhecer o *status quaestionis* de várias questões – sobretudo daquela investigada –, aí sim você pode se permite buscar inspiração em outras fontes que não estão historicamente ligadas àquela, ou seja, em autores que não se comunicaram entre si de maneira alguma. Mas não faça isso no começo, senão você vai se perder. No começo você tem de buscar o *status quaestionis,* tem de buscar aqueles autores que se referiram uns aos outros e entre os quais há uma evolução histórica consciente **[39:11]**. Depois de fazer isso, então você poderá buscar outras sugestões completamente fora e saberá avaliar o que é pertinente e o que não é.

Passamos agora ao segundo tema da aula de hoje. É um tema que vou extrair do livro de Hugo de São Vítor, *Didascalicon,* mas vou usar o texto dele mais como um pretexto para investigar a questão do que como objeto. Prestem atenção: não estamos estudando Hugo de São Vítor. Estamos estudando um assunto do qual Hugo de São Vítor disse alguma coisa.

[40:00] Vou ler apenas cinco linhas desse texto, na tradução do Sr. Antonio Marchioni. Livro I, Capítulo I, *Da Origem das Artes*:

> “De todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a sapiência, na qual reside a forma do bem perfeito. A Sapiência ilumina o homem para que conheça a si mesmo – ele que, quando não sabe que foi feito acima das outras coisas, acaba se achando semelhante a qualquer outra coisa. A mente imortal do homem iluminada pela Sapiência se volta para o seu princípio e percebe o quanto é inconveniente ao homem procurar coisas fora de si, uma vez que poderia ser-lhe suficiente aquilo que ele próprio é. Lê-se escrito na trípode de Apolo: *Gnoti seauton,* ou seja, “conhece-te a ti mesmo”. De fato, o homem que não esqueceu a sua origem sabe que é nada tudo aquilo que é sujeito à mutabilidade.”

Tem aqui algumas notas do Marchioni que são extremamente úteis. Um delas diz o seguinte:

> “Essa sapiência da qual Hugo fala é a mente divina, na qual o mundo e o homem foram pensados como numa forma, num molde, num arquétipo. Essa

> sapiência não é algo, é alguém. É a segunda pessoa da trindade, o Logos e pensamento de Deus. É a forma perfeito de Deus bom, como pela criação a forma boa do mundo e do homem."

Muito bem. Eu acrescentaria aqui uma segunda nota. Você vê que nesta edição há o texto original latino e o texto em português do lado. Nem todos sabem latim para poder ler direto no original, mas àqueles que sabem, que estudaram latim um pouco, não custa nada dar uma olhadinha na página da esquerda quando há alguma dúvida para ver se alguma nuance escapou ou foi acrescentada. No caso desse segundo parágrafo, uma nuance foi acrescentada pelo tradutor. Ele interpretou o texto de uma certa maneira e acrescentou ali a sua nuance. Ele diz que homem, quando não sabe que foi feito acima das outras coisas, *acaba achando-se* semelhante a qualquer coisa. Esse "acaba achando-se" não existe no original. Ele interpretou assim – não que a interpretação seja ilegítima. Mas ele destaca uma nuance que não é necessariamente a que Hugo quis dar. "*Sapientia illuminat hominem ut seipsum agnoscat* [...]", quer dizer, "a Sapiência ilumina o homem para que conheça a si mesmo". [...] *qui* [o qual, homem] *ceteris similis fuit* [seria semelhante às outras coisas] *cum se prae ceteris factum esse non intellexit.* Ele não diz "acabaria achando que é semelhante". Ele diz "seria semelhante às outras coisas", ao passo que o tradutor não disse isso – disse que o homem "acabaria *pensando* que é semelhante". Mas essa nuance não está no original.

Note bem: a palavra *didascalicon,* cujo correspondente em português é didascália, quer dizer "um conjunto de coisas relativas à educação". Didascália é conjunto dos equipamentos da educação. O título original é *Didascalicon de Studio Legendi.* A palavra *studium* tem uma séries de dificuldades inerentes a ela. O Marchioni a traduz como "a arte de ler", o que não está errado, mas essa palavra *studium* também tinha a acepção de uma "afeição", de algo que você gosta de fazer, que você está interessado em fazer. Então, se se trata da leitura – quer dizer, é uma introdução à arte da leitura: o que nós vamos ler, como vamos ler e aonde isso vai nos levar – o que o Hugo propõe como objetivo da leitura, tal como ele a está ensinando aos seus alunos, isso hoje deve parecer extremamente ousado. É como dizer que pela leitura você vai alcançar a Sapiência. E o que é a Sapiência? Como bem nota Marchioni – e isso é perfeitamente exato –, a Sapiência é o Logos Divino. E o que é o Logos Divino? O Logos Divinos é, por um lado, (a) o conjunto do que Deus sabe; é por isso também (b) o conjunto das leis e princípios eternos que estruturam toda e qualquer realidade; é também (c) o princípio animador pelo qual as possibilidades divinas vêm à existência; e é por fim (d) a encarnação de mesmo Logos na pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Puxa, mas eu lendo, vou descobrir todas essas coisas?! Evidentemente, isso soa estranho. E como soa estranho, um comentador moderno – que é ao mesmo tempo, a meu ver, um dos melhores e um dos piores –, Ivan Ilitch, diz – já mencionei isso de passagem em outra aula, mas hoje desejaria aprofundar essa leitura – as seguintes coisas:

> "Quando nós traduzimos a primeira frase como 'De todas as coisas a ser buscadas a primeira é a Sabedoria, a Sapiência', seria fácil obter com isso a aprovação de qualquer primeiranista de latim. *Prima* é realmente primeiro. Mas

> precisamente essa aparente transparência da palavra latina apresenta a dificuldade encontrada por qualquer um que tente transpor em inglês esse texto. Sem dúvida nenhuma, *Omnium ex petendorum prima* significa 'De todas as coisas que podem ser alcançadas, a primeira etc' No entanto, se traduzo *prima* como primeira, só posso causar confusão. Para nós hoje em dia a primeira coisa é aquela que vem no começo de uma série ou aquela que está mais à mão. Nós damos o primeiro de muitos passos quando começamos um livro ou um projeto de pesquisa, suspeitando que o nosso empreendimento nos levará adiante, talvez além do nosso horizonte presente. Mas o pensamento de um fim último de todas as leituras não é significativo para nós. Menos ainda, existe alguma idéia de que tal objetivo deveria motivar ou causar a nossa ação quando quer que nós abramos um livro. **[50:00]** Nós fomos formados no espírito da engenharia e pensamos no gatilho como causa do processo. Não pensamos mais no coração como causa da trajetória da bala [*quer dizer, o coração foi atingido pela bala*]. Nós vivemos depois de Newton. Quando vemos uma pedra que está caindo, nós a percebemos como um objeto que está sob o domínio da gravidade. Nós achamos difícil compartilhar a percepção do erudito medieval que vê o mesmo fenômeno como causado pelo desejo da pedra de alcançar a terra. Essa é a *causa finalis, [a causa final do movimento]*. Em vez disso, percebemos uma força que está empurrando o corpo pesado. O antigo *desiderium naturae, [o desejo natural, o desejo da natureza]*, que é o desejo natural da pedra chegar a um estado de repouso tão próximo quanto ela possa do seio da terra se tornou para nós um mito. Ainda mais completamente, a ideia de uma causa primeira ou causa final primária, uma razão motivante última de todos os desejos que estão escondidos na natureza da pedra, ou da planta, ou do leitor, se tornou estranho ao nosso século. Estágio final, no universo mental do século XX, tem a conotação de morte. Entropia é nosso destino último. Nós experimentamos a realidade como monocausal. Nós só conhecemos causas eficientes".

Então, o que ele está fazendo aqui? Ele está demarcando a imensa distância que existe entre a mentalidade do estudante que tem o livro nas mãos e a mentalidade do próprio Hugo. Então, ele diz: "olha, pelo sentido aparente e primário das palavras, você não está entendendo o Hugo". Muito bem, muito bem observado, digo eu. Nós precisamos investigar historicamente, filologicamente, o sentido, o peso de cada palavra e tentar reconstituir o que elas evocavam para o sujeito que as escreveu, e não necessariamente para nós hoje. Porém, não podemos entender esse "que evocavam para eles" sem tomarmos como ponto de partida aquilo que elas precisamente evocam para nós hoje e mapearmos então toda a sequência de transformações semânticas que elas foram sofrendo, ao ponto de que uma mesma palavra veio a significar para nós uma coisa completamente diferente e que aquilo que nos parece ser a compreensão do texto se torna o grande obstáculo para a compreensão do texto. É para isso que serve o suporte filológico das obras filosóficas: o filólogo, o historiador da filosofia vai reconstruir através da evolução da linguagem – seja da linguagem filosófica específica ou da linguagem em geral – as diferenças entre as diferentes evocações que as palavras suscitam, para nós e para o autor do texto, e tentar mediar as duas coisas.

Nesse esforço de mediação, contudo, ele pode piorar as coisas formidavelmente, sem querer. Ivan Ilitch – que foi a figura mais interessante e mais respeitável do esquerdismo mundial. Isto para mim está fora de dúvida. É

um autor que li muito quando jovem, e que teve uma influência enorme sobre a minha pessoa. Hoje eu o estou lendo novamente, por motivos diferentes – diz que tal ou qual concepção se tornou estranha para nós. Por exemplo, a concepção do *desiderium naturae,* quer dizer, um impulso natural que o objeto tem de fazer isto ou aquilo. A ideia de que a pedra se move em direção à terra porque tem um desejo um desejo natural, um impulso natural de entrar em repouso em contato com a terra se tornou estranha e quase incompreensível para nós porque nós vivemos num mundo newtoniano. Newton diz que não é a pedra que se move: ela é movida de fora por uma força que ele chama de gravitação. Ao dizer que a matéria atrai a matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias, ele está dizendo que a matéria maior atrai a matéria menor. Portanto, não é a pedra que está indo para a terra, é a terra que está puxando a pedra. É como se a nossa visão do universo físico tivesse se invertido em relação àquela aparência que a natureza apresentava para Hugo. Note, contudo, que aí existe uma conotação de a ciência moderna depois de Newton descobriu como as coisas efetivamente funcionam: estamos na realidade quando seguimos Newton, e, portanto, podemos conceber o que está subjacente na cabeça de Hugo somente como um dado cultural ou histórico, que não reflete a realidade das coisas que o próprio Hugo estava vendo; reflete apenas a sua mentalidade e a de sua época. E então declaramos que, finalmente, compreendemos Hugo. Não compreendemos, porque Hugo não compreendia isso como um dado cultural. Ele compreendia isso como a própria tradução da realidade física tal como ele a via. Isso significa que quanto mais nós estivermos imbuídos da nossa própria cultura, mais nós somos obrigados a compreender os produtos de outras épocas apenas como elementos culturais, e não como experiências da realidade. Mas note bem: ao dizer essas coisas, Hugo está escrevendo sobre a cultura do séc. XIII ou sobre o modo como ele vê a realidade? Isso é muito importante. É uma coisa básica, é uma dificuldade que vai voltar milhões de vezes no curso de seus estudos.

Se estamos profundamente identificados com a nossa cultura e hoje acreditamos estar arraigados na realidade – e acreditamos que as pessoas de outras épocas criavam apenas produtos culturais como nós criamos fantasias durante os sonhos –, então estamos imbuídos da convicção de que vivemos na realidade e os outros viviam num sonho. Por que devemos nos interessar por esse sonho, se ele não diz respeito à realidade, mas diz respeito ao que fulano ou sicrano pensava em outras épocas? Que interesse isto pode ter para nós além do histórico? Note bem que nesse livro, que se chama *In the vineyard of the text* [Na Vinha do Texto], Ivan Ilitch tem um intuito dos mais elevados e sublimes, que é restaurar para o leitor moderno a possibilidade de conceber as coisas sob outros pontos de vista que não os da cultura moderna. Porém, a técnica que ele adota me parece às vezes levar ao resultado contrário, porque ele está usando a técnica filológica, ou histórica. **[1:00]** Ele está rastreando documentos para ver o que certas palavras significavam em tal ou qual época e quais eram as crenças que embasavam seus significados. Com isso ele só pode chegar a conclusão de que as pessoas naquela época imaginavam as coisas de uma maneira e hoje nós imaginamos de outra; e na verdade não somos capazes de abandonar a nossa maneira de ver e passar a ver como elas. Por que não podemos fazer isso? Porque a nossa maneira de ver reflete

um aumento do conhecimento – nós nos aproximamos da realidade. Então não podemos escapar da nossa realidade histórica do momento para nos transportar ao mundo mental do Hugo porque isso implicaria esquecer o que nós sabemos. Mas se esquecermos do que sabemos, não saberemos mais onde estamos e não entenderemos nem mais a nós mesmos e nem mais ao Hugo. Portanto, o máximo que Ivan Illich consegue nesse empenho é criar uma tensão entre o que acreditamos saber agora e o que Hugo imaginava saber no seu tempo.

Vou contar uma experiência que tive não só uma, mas várias vezes. Às vezes estou rezando e pedindo a Deus o perdão dos meus pecados – os quais são em número tão grande que, se eu quisesse contá-los, não conseguiria, mas talvez eu lembre alguns, não individualizadamente mas em tipos, condutas recorrentes. Na hora em que faço isso, lembro de mim mesmo tal como eu era no momento em que cometi aquele pecado, que pode ser cinco anos, dez anos, vinte anos, trinta anos, quarenta anos... – estou com sessenta e dois – de maneira que, como os pecados não aparecem pela ordem, mas do jeito que eles querem... E notem bem: não estou querendo dizer certos atos específicos que eu tenha feito, não é disso que estou falando. Se fosse falar de atos específicos aí seria uma confusão dos diabos. Estou falando mais de pecados interiores. Por exemplo, o pecado de crer demais nos estímulos sensíveis do momento e esquecer aquilo que é essencial. Cometi isso muitas vezes, cometo todo o dia e continuo. Melhorei um pouquinho ao longo dos anos, mas melhorei dois por cento. Mas quando lembro, eu me vejo tal como eu era na época: quando criança, cercado de brinquedos (Ganhava muitos brinquedos no Natal. Por estar doente, todo mundo achava que eu ia morrer, que era o último Natal e me enchiam de brinquedos), e lembro que ficava absolutamente fascinado, louco, com aquilo. E lembro que mais tarde muitas vezes fiquei louco com o espetáculo do mundo sensível, ao ponto de sair de mim, tal como saía naquele momento. Vejo isso e falo “mas que vexame!”. Quando eu era criancinha estava tudo bem, mas depois de adulto? Como é é isso?

Então me vejo assim aos cinco, aos oito, aos dez, aos doze, aos vinte, aos trinta, aos quarenta, com as várias caras que eu tinha. É curioso que eu estou vendo aquelas minhas caras, mas ao mesmo tempo elas estão aqui. São aqueles mesmos personagens que eu já fui – eles estão orando comigo naquele momento. Eles estão aqui em mim, mas eu, tal como sou agora, já estava neles? Resposta: Sim, porque a raiz do arrependimento já estava ali. Se eu fiz o pecado aos oito anos de idade e estou confessando aos sessenta e dois, aquele menino que cometeu já tinha em si o velho de sessenta e dois, assim como o velho de sessenta e dois ainda tem aquele menino. Esta é uma experiência que já me aconteceu. Não é uma coisa imaginária. Estou falando de realidade, de coisa que realmente fiz. E percebo que aqueles personagens que estão na minha memória não estão apenas na minha memória: eles são eu realmente. Não é uma coisa subjetiva: aquilo aconteceu mesmo e está acontecendo agora.

Isso suscita o seguinte problema: a cada momento da nossa existência, só estamos vendo aquilo que estamos vendo. Acreditamos que aquilo que já passou já passou – não existe mais. É a famosa pergunta do François Vignon:

“Mais où sont les neiges d’antan?” (onde estão as neves de outrora?). Já derreteram. Então ele começa a lembrar de todas as mulheres que ele amou. Onde está a fulaninha? A fulaninha já morreu, a outra ficou velha... Acreditamos que aquilo que passou passou. Todo mundo diz esta frase: o que passou passou. E as pessoas às vezes vivem com saudades do passado. Eu, por exemplo, gosto muito de tango, escuto muito tango, e toda hora tem esse tema recorrente: o passado não volta mais. Passou e saiu da existência. E o que vai ser daqui a pouco? Também não está na existência, é apenas uma possibilidade. E a possibilidade, diz você, só existe na minha cabeça como hipótese teórica.

Isso quer dizer que a única coisa que parece real é o que está fisicamente presente. Visto nessa perspectiva, o tempo é a dimensão que come as coisas e as desfaz. Tão logo elas entram na existência, já desaparecem. Isso aparece no famoso mito de Saturno, a divindade grega do tempo, que devora seus próprios filhos. E o famoso verso de Camões: *Que quanto da vida passa/Está recitando a morte.* Quer dizer, a morte está recitando aquilo que está passando; que quando está passando, já passou, já virou morte.

Então o passado é a dimensão da morte e o presente é fugaz. Neste sentido, toda a continuidade que a nossa pessoa possa ter ao longo do tempo é apenas uma invenção nossa. E mal você acabou de inventar a sua história, ela já passou também. Isso é a experiência moderna característica, experiência de hoje, experiência do tempo que as pessoas têm hoje. Vocês vêem que isso aparece naquela peça do Samuel Beckett, em que um sujeito na cama, moribundo, conversa com um outro sujeito que é aparentemente ele mesmo, e o sujeito lhe pergunta: “você não se lembra do instante do seu nascimento, então como que você sabe que você é você? Você não é testemunha do seu próprio nascimento, nem isto você sabe”. Chegamos assim a total dissolução da idéia de biografia, de história. Ao contar a sua vida, você a está inventando novamente; e a sua vida só existe como invenção naquele momento – momento no qual, você mal acabou de contar, já não existe mais também. Esta é uma experiência que aparece e reaparece na literatura moderna o tempo todo, mas que aparece também na vida das pessoas.

Então cada um se sente como se fosse um ser evanescente, uma fumaça. **[1:10]** Portanto a consciência temporal de si mesmo não pode servir para esse indivíduo como um quadro de referência, porque é demasiado fluido, demasiado evanescente. Então ele se apega a quê? Ao mundo fisicamente presente: “Ah, é tudo evanescente, mas aqui temos a realidade sólida do mundo”. Onde aparece esse mundo? Aparece na experiência do espaço. O tempo então aparece como a dimensão que come, que desfaz, que elimina tudo, leva tudo para a morte. E o espaço parece a garantia de realidade. Mas esse espaço está presente durante quanto tempo? Além disso, o espaço está presente como um todo ou está presente somente um recorte do espaço, que também é momentâneo? Então parece que não tem saída. Nada existe, estamos em plena e total evanescência. E tudo aquilo que você diz a respeito – seja do que se passou no tempo, seja daquilo que você percebe no espaço – é apenas mais uma invenção da sua mente enlouquecida que acredita em história da carochinha. E no entanto você acredita que quem estava com

história da carochinha na cabeça era o Hugo de São Vitor e seus contemporâneos, mas que hoje nós sabemos como as coisas são realmente.

Isaac Newton, por exemplo, ao observar o o comportamento da natureza e fazer contas, descobriu uma certa regularidade, coisas que se repetem. E ele diz que as coisas são assim. Mas elas se repetem durante quanto tempo? Note que Newton, para fundamentar a sua teoria, teve de inventar algo que chamou de tempo absoluto – o tempo como uma unidade de medição permanente, independente do que acontece. Mas um tempo onde não acontecesse nada duraria quanto tempo? É inconcebível. A idéia do tempo absoluto se contradiz a si mesma. O tempo que é independente do acontecer é o tempo que é independente da duração; então não é tempo de maneira alguma. Newton também teve de inventar o espaço absoluto, o espaço sem coisas dentro; ou seja, o espaço como pura medida. Mas se não há nada dentro do espaço, também não há medida. Assim, para chegar a uma descrição do comportamento da natureza que nós consideramos realista e dentro do qual nós vivemos, como diz o Ivan Illich – e vivemos dentro desse espaço-tempo newtoniano a tal ponto que o que quer que o contrarie nos parece impensável –, Newton concebeu duas idéias que são absolutamente auto-contraditórias. Ele reconhecia que estas idéias são meras invenções, mas precisava delas para poder fazer as medições. Então você inventa planos de comparação irreais e com base neles faz uma série de medições e declara “Agora eu apreendi a realidade”. Você também não sabe se isso é realidade. Isto quer dizer o seguinte: se você tentar pensar tudo em termos de espaço-tempo não lhe sobrará nada na mão. O espaço e o tempo não se sustentam e é isso que o Hugo está dizendo, muito antes de Newton e muito antes da física quântica.

Quando eu estou rezando, aparece lá um menino de oito anos que fez isto, um rapaz de vinte que fez aquilo, um rapaz de trinta que fez aquilo, um sujeito de quarenta que fez não sei o que mais – estão todos rezando comigo. Bom, tudo mundo sabe que há uma experiência universal e que na hora da morte a sua vida passa diante de você como se fosse uma fita acelerada. Mas eu não preciso morrer para experimentar isso: experimento quando me permito estar diante de Deus e me mostrar para ele como eu sou (Só posso mostrar para Deus. Se , for mostrar para vocês, vocês ficariam horrorizados, mas para Deus posso mostrar tudo, porque Deus é tão velho que já viu de tudo e não se espanta com mais nada). Por que reaparecem aqueles personagens que eu fui? É porque eu estou conversando com alguém que existe na eternidade e não no espaço-tempo. Na eternidade, todos os personagens que já fui, e o que estou sendo agora, todos existem e estão presentes. Se cometi um pecado aos oito anos, quem está confessando este pecado não é o homem de sessenta e dois: é ele e mais o menino de oito.

Dito de outro modo: retire a instância da eternidade e a estrutura do espaço-tempo vai para as cucuias – e você é obrigado a inventar no lugar da eternidade uma coisa chamada tempo absoluto e outra chamada espaço absoluto, que você sabe perfeitamente que não existe e nem pode existir. A eternidade é a estrutura por cima e em volta do espaço-tempo, e é essa a dimensão natural do conhecimento humano. É para aí que o Hugo disse que a leitura vai levar você. Para chegar a issoé claro que devemos entender o Hugo

historicamente também. Temos de colocá-lo na sua época, na sua sociedade, sua cultura etc., para saber o que ele queria dizer. Porém, se absolutizamos essa diferença temporal e dizemos que tais ou quais coisas se tornaram incompreensíveis para nós porque são muito absurdas em face da nossa belíssima ciência moderna, então não entendemos nem o que o Hugo quis dizer nem o que é a ciência moderna. Ou seja, eu tenho de entender o Hugo, quando o estou lendo, tal como eu, na hora em que estou rezando, entendo o menino que eu fui aos oito anos e que não deixei de ser. Mas posso dizer "Ah, mas naquele tempo eu era muito burro, não entendia certas coisas etc..." Sim, mas esse menino que era muito burro e que não entendia as coisas ainda está dentro de mim. Eu não o superei. Ele faz parte permanente da minha pessoa. Ele nunca irá embora por mais sábio que eu me pretenda.

Vamos ver como podemos vencer essa abordagem meramente histórica, que seria uma espécie de relativismo cultural. O relativismo cultural dá milhões de motivos para você não entender uma coisa: "Eu já não posso entender aquilo porque aquilo estava fora da realidade. Portanto, como estou imbuído da cultura científica moderna e sei como as coisas realmente são, não posso me transpor completamente à cabeça de um cara do século XIII, porque no século XIII eles estão para nós como um louco está para a pessoa normal. Eu não posso entrar totalmente dentro do universo de um louco. Eu posso enxergá-lo como estrutura, mas não posso participar dele". Vamos ver se o sujeito está louco mesmo.

Quando Newton diz que não é a pedra que se move na direção da terra, mas a terra que atrai aquele pequeno pedacinho de matéria na razão direta das massas **[1:20]** e na razão indireta do quadrado da distância, você se pergunta: "Mas o quê precisamente a Terra está atraindo?" É uma pedra. Uma pedra é um nada? A pedra é alguma coisa, ela tem as suas próprias propriedades. E se ela não as tivesse e se fosse um nada, em vão a terra a atrairia, porque ela não viria de maneira alguma. Isso quer dizer que a descrição do mundo que se dá na mecânica de Newton dá como pressuposta a existência das várias substâncias dos vários entes que são afetados pela lei da gravidade. Ela apenas não raciocina a partir dessas substâncias, mas apenas das relações mecânicas entre elas. Mas para existirem as relações mecânicas, elas precisam se dar entre coisas que existem, e as coisas que existem têm substâncias.

Quando a física antiga dizia que a pedra tem um desejo natural de *repousar* no seio da Terra, ela dizia exatamente o que Galileu dirá mais tarde: que quando um objeto não é movido por outro ele permanece em repouso ou em movimento retilíneo uniforme. Esse impluso de repouso ou de movimento retilíneo uniforme é inerente ao objeto – com a resalva de que Galileu disse que o movimento retilíneo uniforme é apenas uma unidade de medida e não existe realmente. Aristóteles, na física antiga, dizia que o objeto quando não é movido por outro permanece em repouso. Galileu acresenta entre parenteses: "ou em movimento retilíneo uniforme, o qual não existe propriamente" — ou seja, permanece em repouso. Ora, do ponto de vista geral da teoria da gravitação universal existe uma força misteriosa chamada gravidade pela qual a matéria maior atrai a matéria menor. Mas do ponto de vista de uma outra lei física, que é a lei da inércia, o impulso de repouso está no próprio objeto. Ele

não pode receber de fora o impulso de repouso, pode apenas receber o movimento. Embora a expressão *desiderium naturae* — desejo da natureza — seja uma expressão literária, ela expressa precisamente o que a lei da inércia diz.

Confrontando o que Hugo, ou o que qualquer outro autor medieval, está dizendo com a Lei de Newton, eu pergunto: quem disse que é à lei de Newton que ele está se referindo e não a alguma outra coisa? Vista como expressão da Lei de Newton, da lei de gravitação, a expressão *desiderium naturae* não faz o menor sentido, porque quem atrai é a matéria — o corpo não se move, mas é movido. Mas se esse corpo não fosse nada e não tivesse propriedade alguma, ele não poderia ser movido. Mas a expressão *desiderium naturae* se refere não ao que acontece ao objeto, mas aquilo que ele é e faz – ou seja, à sua forma substancial. Essa forma substancial é o que faz com que ela deseje estar em repouso – ou seja, é a lei de inércia. Como entendi isso? Entendi isso partindo do princípio de que um sujeito que ainda não conhecia a Lei de Newton conhecia a realidade tão bem quanto Newton e quanto eu. Nós estamos dentro do mesmo universo, que não é diferente. Nós podemos expressar as nossas experiências de várias maneiras e em vários planos diferentes, e isso pode causar uma série de confusões, de tal modo que quando você se identifica com a última e mais recente versão demasiadamente, você não entende as anteriores, mesmo quando elas estão dizendo a mesma coisa. É lógico que se vejo um sujeito estuprando ou matando uma menininha de três anos, não consigo me identificar com ele – entendo que aquilo é um mistério tenebroso que fica inalcançável pela minha alma. Mas Hugo de São Vítor não estuprou nem matou ninguém. Você não está falando de uma coisa monstruosa inimaginável e imparticipável: você está falando de uma simples visão da natureza que, se foi participada por um homem manifestamente bom, inteligente, correto como o Hugo, por que não pode ser participada novamente por você?

Vou ler outro parágrafo para você, que não foi escrito a respeito desse assunto, mas que é pertinente. Ou seja, numa investigação do *status quaestionis*, dificilmente iríamos parar neste texto. Mas se você já conhece o *status quaestionis*, já sabe a evolução dessas concepções — por exemplo sobre um movimento que tinha na Idade Média até como aparece depois em Galileu e Newton etc. — e já conhece essa parte da história, não precisa nem mesmo fazer a pesquisa do *status quaestionis* por si mesmo. Há o Pierre Duhen, que escreveu um livro maravilhoso chamado “Le système du monde” (O sistema do mundo), no qual conta essa história, com todos os passos da discussão. Se você ler o Pierre Duhen encontrará tudo mastigado, com o *status quaestionis* já traçado. Mas além do *status quaestionis* você pode levantar a questão sobre a possibilidade de participar da cosmovisão de um autor antigo que você está lendo e vivenciar a experiência como se fosse ele sem deixar de ser você. Você pode fazer isso do mesmo modo que o tal do Olavo; quando ele reza aos 62 anos, continua a ser o garoto de oito anos, sem deixar de ser o homem de 62. É uma experiência que, se é acessível a um jumento como o Olavo, deve ser acessível a qualquer um. Então todo mundo deve poder fazer isso.

Quando levanto isso, podem surgir evocações – como de fato a mim me surgiu – desta coisa maravilhosa que eu li no livro “A história como pensamento e ação” do Benedetto Croce — cuja tradução linda, belíssima, foi feita pelo poeta Darcy Damasceno em 1962 e publicada pela editora Zahar. Eu nem sei se isso se encontra ainda. Mas quando se lê uma tradução brasileira que dá gosto, “eu tenho um orgasmo”, como dizia o Gilberto Amato, porque é uma coisa rara. Em geral, a tradução brasileira é tão difícil que você tem de repensar a coisa no original, caso conheça a língua, para poder tornar aquilo inteligível. Eu, por exemplo, só entendi a tradução que o ex-ministro Viegas fez do livro “A nova ciência da política” do Eric Voegelin porque sabia um pouco de inglês, senão não entenderia jamais. Conhecendo mais inglês você entende mais ainda profundamente a tradução do Veiga.

O Benedetto Croce é um dos grandes escritores do século XX. Ele escreve de uma maneira tão maravilhosa, e ao mesmo tempo um pouco barroca, que fica difícil traduzi-lo. Mas o Darcy Damasceno conseguiu. Então, diz ele aqui:

> “O que se chama, no uso historiográfico, documentos escritos, esculpidos, figurados ou aprisionados nos fonógrafos, ou também existentes em objetos naturais, esqueletos ou fósseis, não age como tal e tal não é, salvo enquanto estimula e acentua em mim recordações de estado de ânimo que estão em mim.”

Ou seja, todo o conjunto de documentos escritos ou não escritos, monumentos etc., nada disto é documento no sentido histórico; são apenas coisas. Torna-se documento para o historiador na hora em que evoca nele alguma coisa que já estava nele. Senão não funciona como documento. Ele olha e aquilo não lhe diz nada.

> “E nos demais aspectos subsiste, como tintas coloridas, cartas, pedras, discos de metal de lacre etc., sem a mínima eficácia psíquica. Se não existe em mim, adormecido que seja, o sentimento da caridade cristã, ou da salvação pela fé, ou da honra cavalheiresca, **[1:30]** ou do radicalismo jacobino, ou da reverência pela velha tradição, inutilmente passarão sob meus olhos as páginas dos Evangelhos e das epístolas paulinas, da epopéia carolíngea, dos discursos que se faziam na Convenção Nacional, das líricas, dos dramas e romances que exprimiriam a nostalgia oitocentista pela Idade Média. O homem é um microcosmo, não no sentido naturalístico, mas no sentido histórico: é um compêndio da história universal.”

Ou seja, é porque tem dentro de si mesmo todas aquelas possibilidades, ao menos num nível imaginativo, que você é capaz de compreender o que os homens fizeram — por exemplo o que os apóstolos fizeram, o que os deputados da Convenção Nacional francesa fizeram, ou o que os cavaleiros medievais fizeram, ou o que os grandes navegadores fizeram. Caso contrário, todos os documentos que se juntassem a esse respeito seriam para você papel, coisas, tinta, pedra e não diriam absolutamente nada. Mas se eu olhar isso apenas como historiador no sentido atual, com olhos de relativismo cultural, acreditando que a minha presença na presente cultura é um dado absoluto e intransponível, também não vai adiantar nada — porque eu acredito que o passado não existe e que eu tenho de criá-lo com a minha mente agora

(como se adiantasse criar alguma coisa que daqui a pouco vai cessar de existir também).

Agora, se você percebeu a dimensão de eternidade onde todos os tempos existem como simultaneidade, assim como os vários personagens que você foi ao longo do tempo voltam e estão presentificados e, por assim dizer, unidos a você, sintetizados com você; no momento em que você ora a Deus e pede perdão dos seus pecados, aí você entendeu que a sua presença no momento histórico não é uma prisão. Você entendeu que pode transitar em várias épocas e em várias civilizações e vivenciar tudo aquilo de novo como se lhe tivesse acontecido. E então, o que do ponto de vista do relativismo absoluto (aquele que prende você no seu momento histórico e não o deixa sair e faz com que tudo que foi antes só possa ser compreendido "historicamente", sem participação íntima, sem envolvimento seu)... Aquilo que você jamais poderia compreender desde o ponto de vista do relativismo absoluto então, de repente, se torna o drama humano da sua própria alma em busca do conhecimento, em busca da salvação, em busca da vitória, em busca de qualquer outro objetivo, em todas as épocas da história e em todos os quadrantes da terra. Todos os seres humanos podem ser compreendidos por você, todas as situações podem ser compreendidas, não há limite para isto. Podem ser compreendidas não apenas como coisas estranhas que se passaram numa outra época, mas como possibilidades atuais — desde que você consiga compreender a simultaneidade do tempo, consiga apreender a simultaneidade dos tempos. Mas o que é a simultaneidade dos tempos? É a estrutura da eternidade, é o Logos, é Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando Ivan Illitch diz ler com esse propósito, dedicar-se a estudos universitários com esse propósito, isso hoje nos parece muito esquisito; mas nos parece muito esquisito apenas na superfície, porque você está fazendo isso sem saber que faz, ou você não está fazendo nada. Ou seja, a perspectiva, a possibilidade permanente de elevar-se à dimensão de eternidade existe até para quem não sabe que ela existe, porque isso é a estrutura da inteligência humana – assim como essa é a estrutura da temporalidade real, essa é a estrutura da inteligência humana. É encarar as coisas *sub species aeternitatis* (sob a categoria da eternidade). Você só compreende o que você enxerga *sub species aeternitatis*, sob a categoria da eternidade — aí você compreendeu. Aquilo que não é visto dentro da eternidade é apenas visto; não, compreendido. Não há outra inteligência a não ser a que se eleva à eternidade, porque esse é o *modus operandi* normal da inteligência humana. É exatamente isso que o Hugo está dizendo. Para o Ivan Illitch isso é apenas uma forma histórica, que lamentavelmente passou — ele adora isso, mas continua achando que é estranho, porque por mais que queira se libertar da prisão da cultura contemporânea, ele ainda está dentro dela. Não totalmente – ninguém pode estar totalmente. Mas na hora em que escreve, ele acredita que está, e na medida em que acredita que está, ele está mesmo. Ou seja, ele próprio se aprisiona.

O que Hugo está nos dizendo nessas cinco ou seis linhas é o método essencial de todo e qualquer estudo filosófico. Nós temos de compreender tudo à luz da eternidade e se não entendermos à luz da eternidade, não estamos

entendendo. Porém, note bem, entender tudo à luz da eternidade não é pegar a bíblia ou algum tratado de teologia e deduzir tudo de acordo com o que a Igreja ensinou — porque isso aí não é para a inteligência humana, é para um computador. O que você vai ter de fazer é revivenciar de fato essas coisas. Transformar o Hugo num personagem do seu imaginário e, portanto, elemento do seu imaginário. Ver o que ele viu e mais o que você está vendo, que ele não viu. Muitas vezes você vai se surpreender, percebendo que esse personagem que você adotou sabe mais do que você. Ele sabe coisas que você não sabia. E, de tanto prestar atenção nele, você fica sabendo coisas que não sabia antes. É isso também o que o Hugo quer dizer quando diz que você também tem de procurar essas coisas dentro de você. Quando ele fala “Nós temos de procurar dentro de nós e não fora”, está se referindo ao conhecimento e não às coisas materiais, evidentemente. As coisas materiais estão fora de nós. Por exemplo, se eu quiser alimentar a mim mesmo com um saco de feijão *pensado*, eu vou morrer de fome — então não é disso que ele está falando. Ele está falando da inteligência humana. É a inteligência que tem de procurar dentro, e não fora. Porque aquilo que está fora só adquire significado em função do que está dentro. E o que está dentro vai ser justamente evocado pelo método que fala o Croce – que foi, ademais de filósofo, um grande historiador. Com todos os defeitos que possa ter tido (a Igreja Católica muitas vezes condenou a obra do Croce), ele é um grande historiador e um grande professor.

O que Hugo quer dizer ao afirmar que o homem que não esqueceu a sua origem sabe que tudo aquilo que é sujeito a mutabilidade é um nada? Que essas coisas não existem absolutamente? Não, claro que elas existem. Acontece que, se não são vistas sob a categoria da eternidade, elas caem naquelas objeções, naquela máquina de nulificação que mencionei no começo. O tempo faz tudo desaparecer, e não adianta eu querer me agarrar no espaço e dizer que aqui temos um chão sólido — e sólido por quanto tempo? O espaço considerado fora do tempo não é nada. **[1:40]** Fora da categoria da eternidade, tudo é nada. E o que quer que você pense sobre as coisas se desfaz ainda mais velozmente do que as próprias coisas. *Conhecer é encarar as coisas à luz da eternidade.* As coisas tal como elas são no Logos, no Cristo. Não há outra coisa que a inteligência humana possa fazer. Toda e qualquer outra operação na inteligência humana é subordinada a esta, mesmo quando você não sabe.

Quando você, por exemplo, compra um livro chamado “História Universal”. Existe “História Universal”? História Universal abrange milhares de sociedades, de culturas, de indivíduos que não se conheceram uns aos outros, não se influenciaram uns aos outros, não tiveram nenhuma participação na vida alheia. Onde você vê unidade nessa coisa? A noção de História Universal só é concebível no plano da eternidade. Se você não é capaz de penetrar nesse plano da eternidade por um instante sequer, a expressão “História Universal”, “História da Humanidade”, não faz sentido para você – ou ela se tornará apenas uma construção cultural. Mas isso é construção cultural? Então eu crio uma construção cultural como, por exemplo, no começo do século XIX, vários historiadores criaram essa noção. Historiadores e filósofos, Hegel e Henke, todos eles tinham alguma noção do que fosse História Universal. Goethe pensava até numa História Universal das Literaturas, onde, por exemplo, um estilo desenvolvido por um poeta alemão do século XVIII pudesse estar ligado a

uma técnica poética criada por um poeta persa do século VII, embora eles não se conhecessem: um não leu o outro, o outro não leu o um – poderia haver uma unidade sutil por trás disso. Se você não capta essas coisas à luz da eternidade, elas se tornam apenas construções culturais. Mas onde estão essas construções culturais? Qual é o contexto histórico no qual elas estão? “Ah, o contexto histórico ali da Alemanha do final do século XVIII...” E onde estava a Alemanha no fim do século XVIII? Ela existia como um pedaço separado? “Ah, não, tinha uma conexão.” Ah, é, tinha uma conexão com a História Literária da França? “Sim.” Mas deveria ter alguma ligação com o início do Cristianismo, porque ali tinha a Igreja Luterana, que surgiu da Reforma, que surgiu da Igreja Católica... “Ah, é verdade...” E esse Cristianismo tinha relação com o Império Judaico, com o Império Romano... epa, daí a pouco está aí a História Universal de novo, não é? Então você entra num círculo vicioso. Se não tem a dimensão da eternidade, não tem História Universal. Se não tem História Universal, as várias Histórias não têm contexto, e eu não posso compreendê-las de maneira alguma. Hugo diz aqui no começo que de todas as coisas a serem buscadas a primeira é a sapiência, é o Verbo Divino. Essa é a dimensão da eternidade sem a qual você não vai entender nada. Se você a perde, perde a dimensão que é natural e certa para a inteligência humana, e você vira uma coisa entre outras coisas. Os bichos, por exemplo, não tem essa noção, não tem noção de eternidade e, portanto, não tem noção de realidade. Quando Xavier Zubirri diz que a realidade é o aspecto que os fenômenos mostram ao ser humano e exclusivamente ao ser humano, é disso que ele está falando. Para o bicho só existe a sua experiência, o seu *unwert,* que nós entendemos facilmente que é abstrato. Ele não existe realmente. Por exemplo, considere o mundo das toupeiras, que não enxergam. É um mundo que se constitui apenas de temperaturas, pressões e cheiros. Basta isso para você construir um mundo? Não, nós sabemos que a pressão, a temperatura e o cheiro só estão lá porque existe uma série infinita de fatores. A toupeira vive em uma abstração. E nós sabemos a realidade concreta dentro da qual existe essa abstração. O que o Hugo está dizendo é o único método possível para ele mesmo, para nós.

Existe um livro maravilhoso do Glenn Hughes, um discípulo do Eric Voeglin, que se chama “Transcendência e História”, *Transcendence and History: the search for ultimacy from ancient societies to postmodernity,* em que ele diz exatamente o que eu estou dizendo a respeito da História. E se não tem a dimensão da eternidade, também não tem História. *E esta dimensão da eternidade não tem como aparecer em você exceto pela recordação de você mesmo.* Isso de que ele está falando não foi descoberto pelo Cristianismo – já existia antes, as pessoas já haviam percebido isto. Lembro, por exemplo, quando Michel Veber, nosso professor de artes marciais e que também dava aula sobre metafísica chinesa, fez uma série memorável de conferências sobre a metafísica oriental de René Guenón. Pegou um trecho do René Guenón, do livro A Grande Tríade, que falava da (eu até marquei aqui, página 154...) hierarquia espiritual que existia entre os taoístas. Havia uma hierarquia espiritual confuciana, que era a parte, por assim dizer, exotérica, a religião pública, e para as pessoas mais dedicadas havia uma outra hierarquia espiritual, superior. Vou ler aqui o parágrafo:

> “O homem transcendente e o homem verdadeiro correspondentes, respectivamente, ao termos dos grandes mistérios e ao dos pequenos mistérios *[*pequenos mistérios *seria aquela parte das iniciações que se referem à natureza, ao cosmos etc,; e* grandes mistérios *são os que se referem ao mundo espiritual]* são os dois mais altos graus da hierarquia taoísta. Esta compreende além disso três outros graus inferiores àqueles, que representam naturalmente as etapas contidas nos pequenos mistérios, e que são, na ordem descendente, o homem da via, (o homem que está na via do espírito), o homem dotado, e, enfim, o homem sábio, mas de uma sabedoria, ainda que sendo algo mais que a mera ciência, ainda não é senão de ordem exterior. Com efeito, este grau mais baixo da hierarquia taoísta coincide com o grau mais elevado da hierarquia confucionista, estabelecendo assim a continuidade entre elas.”

Bom, eu já assinalei na própria gravação que fiz no Seminário de Filosofia **[1:50]** erros monstruosos do Guenón, que não sei se são erros ou sacanagens. Mas, de qualquer modo, ele é uma grande fonte para os estudos dessas tradições orientais. Ele entende disso de trás para diante e às vezes compreende isso com uma lucidez extraordinária, que deixa todos os orientalistas para trás. Eu me lembro que o Michel Veber, ao comentar esse trecho, disse que o que marcava o homem dotado – isto é, o segundo grau da parte inferior da hierarquia taoísta – era o que ele chamava *o senso da eternidade.* E o senso da eternidade é exatamente do que o Hugo de São Vítor está falando aqui. Mas, note bem, o senso da eternidade é o primeiro grau que temos de atingir. É só isso. Alcançar o senso da eternidade é o que permitirá que a sua consciência, a sua inteligência entrem numa relação efetiva com a estrutura da realidade, porque, fora disso, não há realidade alguma. Há apenas impressões que passam. E construções culturais que são ainda mais evanescentes que as impressões que passam. Então, é isso ou é o nada. Esse é um tema que vai retornar, retornar e retornar muitas vezes ao longo dos nossos estudos. É o tema do fundamento eterno da inteligência humana; portanto, de todo o conhecimento.

Quando as pessoas se propõem a ensinar para você algo que não tem fundamento eterno, que só tem um fundamento histórico, ou cultural etc., das duas uma: ou estão deixando o fundamento eterno subentendido, ou não estão falando de absolutamente nada. Esse fundamento eterno, o senso da eternidade, está subentendido em todo o universo do nosso conhecimento, *só que ele só se abre para nós quando nós o desenvolvemos dentro de nós mesmos.* E qual é o método para descobrir isso? É este mesmo que contei para vocês: quando você fala com Deus, não é só aquela criatura que naquele momento está falando com ele. É a série inteira, é a sua biografia inteira que está presente. Está presente não como mera recordação – porque se, por exemplo, você está com 40 anos mas cometeu o pecado aos 30, você estará carregando aquele pecado dentro de você quando estiver com 40. Ele está presente. Você veja que coisa preciosa que são esses pecados, meu Deus do céu... Você poderia não ter pecado nenhum, poderia viver como um cachorro, que está inocente. Existe aquela expressão *felix culpa*, a culpa de Adão, que permite depois todo o desenvolvimento dessa história, do começo da história da redenção etc. Quando o Cristo manda “carregar a sua cruz”, quer dizer, carregar os pecados, isso não tem só um sentido moral, isso tem um sentido cognitivo absolutamente essencial. É importante você carregar a consciência

dos seus pecados e apresentá-la diante de Deus. Porque essa é a sua história. Você de fato carrega a série de personagens que você foi, e essa é a sua cruz. Muitas vezes quando Deus manda fazer alguma coisa, Ele manda você fazer conscientemente alguma coisa que você já está fazendo. Carregar a sua cruz, você já está carregando. Ninguém zera a sua existência para começar tudo de novo. Tem uma contabilidade aí que vai pesando mais enquanto você vai vivendo. Só que isso é precioso para você adquirir o senso da eternidade. É a consciência autobiográfica, uma coisa que você nunca vai conseguir transmitir a outras pessoas. É o que eu falei aqui. É um esquema exterior – não é a substância de tudo o que me ocorre nesse momento, é apenas um esquema. A verdadeira substância da sua vida é o que vai dar para você o senso da eternidade e, portanto, o senso da realidade. Isto é uma coisa absolutamente preciosa.

Vou confessar para vocês: às vezes tenho mais facilidade de entender o que Hugo de São Vítor está falando no século XIII do que entender o que algum sujeito diz hoje a respeito de Hugo de São Vítor. Sobretudo quando o sujeito se fecha na perspectiva que ele considera moderna e recente, que é um círculo puramente imaginário (Quanto tempo dura essa consciência? Ninguém sabe quando começou a Modernidade – século XVI? XVII, XVIII, XIX, XX?). Ele está se fechando em uma construção cultural que recebeu e que é totalmente imaginária, mas que ele acredita ser real – e acredita que o que veio antes é irreal. O mundo desse sujeito é patológico, e nesse tenho até certa de dificuldade de entrar. Eu já pratico isso a tantos anos que, digo sinceramente, tenho dificuldade de me fechar numa coisa que sei ser irreal. Posso enxergá-la, mas não consigo me fechar nela, pois não acredito nela. Acredito em realidade e não acredito de maneira alguma que a mudança da circunstância cultural possa abolir as percepções que homens de outras épocas e lugares tiveram. Baseado no senso da eternidade, se abre para você a biografia universal. Claro que você continuará tendo as dificuldades de ordem filológica, linguística e de informação, mas poderá ter a perfeita participação no universo cognitivo dessas pessoas – pessoas, comunidades, épocas etc. Isso aqui faz perto do método filosófico, tal como eu o entendo, e também do método das ciências sociais – História, Sociologia, etc.

Aluno: Relativamente à degradação cultural brasileira e à revolução gramsciana, gostaria que o senhor comentasse o papel que teve o general Golbery de Couto e Silva e outros militares como **[01:57:40]** *para o rebaixamento da universidade brasileira por meio da adoção da chamada tese da "panela de pressão". O Golbery é um "melancia", um comunista enrustido, vide a importância que dava à chamada esquerda moderada como forma de enfraquecer a esquerda radical? Que papel teve a longa duração do regime militar nessa debácle cultural brasileira, já que antes de 1964 tínhamos nomes como Mário Ferreira dos Santos, por exemplo, e hoje temos apenas "Safatles" da vida? Os militares eram tão ineptos ao ponto de não reconhecer ser necessário vencer também a guerra cultural e não apenas o confronto com a guerrilha armada?*

Resposta: Creio que não possamos resolver essa questão histórica inteiramente. Pelo que eu conheço e pelo que pude adquirir ali quando estava

trabalhando no livro “O Exército na História do Brasil”, vemos o seguinte: os militares são a única comunidade organizada patriótica que existe no Brasil. O Brasil como valor cultural só existe para os militares. Para o resto do país é uma coisa completamente inexistente. Por esse lado não podemos pôr em dúvida nada do que eles fizeram. Porém, existem dois problemas psicológicos sérios nos militares: o primeiro é a *inveja* dos civis. O militares acham que os civis vivem uma vida maravilhosa, se divertem a valer enquanto eles ficam somente com a parte sacrificada da história. Isto os leva a ter, às vezes, admiração pelas figuras brilhantes do *show business*, da intelectualidade etc. – que os odeiam. Isso é muito comum. Na circunstância da vida social, o milico brasileiro é tímido. Ele se sente excluído. Existe realmente um preconceito contra os militares no Brasil – preconceito que não há aqui nos EUA, onde o militar é uma pessoa como outra, que participa da sociedade o tempo todo e não precisa adquirir uma “identidade civil” para participar da vida. No Brasil, precisa.**[2:00]**

O segundo problema é a arrogância que surge como compensação desta inveja, por meio da qual os militares acham que são os únicos que prestam – os civis são todos corruptos, ou ladrões etc., e ninguém sabe de nada. A partir da hora que uma comunidade se fecha nessa ideia, certamente vai fazer burrada, porque não vai querer dar ouvidos a ninguém. O fato de os militares terem se empenhado tanto em destruir as lideranças civis – como Carlos Lacerda, Juscelino, Jânio Quadros etc. – já foi uma burrada absolutamente fora do comum.

Os militares fizeram isso porque foram investidos de mentalidade revolucionária: “Vamos começar tudo do zero. Para isso, para criar uma outra sociedade, um outro Brasil, precisamos concentrar o poder”. Isso mostra que a Revolução de 64 foi realmente uma revolução nesse sentido (não começou como uma revolução, começou apenas como um modesto golpe preventivo para impedir uma revolução; depois a glória subiu-lhes à cabeça e decidiram fazer uma revolução). E esse foi o erro: os militares tolheram completamente a iniciativa da sociedade. Somente eles podiam ter iniciativa. Mas fizeram isso com a sociedade inteira? Não, a uma parte permitiram ter iniciativa: a chamada esquerda moderada. Assim, praticamente criaram a situação na qual nós vivemos. Destruíram todas as lideranças políticas, mas deixaram uma turminha fazer o que quiser. É claro, portanto, que essa turminha vai ser a herdeira do negócio, não é?

Contudo, os militares não eram ineptos ao ponto de não reconhecer a necessidade da guerra cultural. Imagino que eles acreditassem estar fazendo uma guerra cultural: “Criando um Brasil livre da corrupção, da superstição etc.” – eles achavam que isso era guerra cultural. Mas queriam que isso fosse obra sua e não deixaram entrar mais ninguém. Isso foi um erro monstruoso, porque todos os políticos que sobreviveram durante o Regime Militar eram simplesmente os mais medíocres – para os mais brilhantes não tinha lugar!

Acredito que o Marechal Castelo Branco, embora fosse um grande homem, um grande brasileiro, um patriota, tivesse uma inveja sem fim do Carlos Lacerda – sem fim! Castelo Branco era um sujeito impopular, um homem baixinho, feio,

que vivia dentro do quartel, coitadinho, e Lacerda era um sujeito bonitão, popular, bem-falante. Durante quanto tempo alguém aguenta isso? Todo mundo tem algum defeito! E porque os militares achavam que Lacerda seria o grande beneficiado do golpe (e era pra ser mesmo; tinha méritos pra ser – e teria sido, sem dúvida – um grande presidente do Brasil), resolveram acabar com o cara. Era como se houvesse políticos talentosos de sobra: “Então vamos pegar o melhor deles e jogar fora.” Isso foi uma coisa absolutamente imperdoável.

Aluno: Fiquei muito satisfeito com a sua última aula, na qual o senhor tratou da distinção aristotélica entre forma e matéria. Fiquei feliz por ter a consciência de já estar praticando as recomendações transmitidas pelo senhor no sentido de nos habituarmos a fazer essas distinções. Tenho participado do curso de Simbolismo e Cosmologia Tradicional ministrado pelo seu filho Luiz Gonzaga, o Gugu, e tenho aprendido muito, principalmente no que se refere a esses conceitos fundamentais da metafísica aristotélica. Tanto é que, diante do que eu aprendia no curso superior de filosofia que fazia – razoavelmente competente por sinal, pois é um dos mais bem colocados no ranking do ENADE –, resolvi tomar a decisão de deixar a vida acadêmica e me dedicar por inteiro ao Curso Online de Filosofia e ao curso do Gugu (...)

Olavo: Ora, meu filho! Isto aqui que estamos fazendo é ensino universitário. O que fazem por aí não é – é uma coisa ginasiana! No Brasil, alguém produzir um trabalho acadêmico razoável sobre a obra de algum filósofo representa o máximo que se espera que o sujeito faça. Existem alguns trabalhos muito bons! Um ex-aluno meu, Fernando Rey Puente, escreveu um livro esplêndido sobre Aristóteles e outro sobre Schelling. Isso, no entanto, ainda é o estudo acadêmico da filosofia, ainda não é o exercício da filosofia. Filosofia não trata de autores: trata de assuntos, de temas, de problemas. Porém, nunca vi nenhum egresso de faculdade de filosofia no Brasil ser capaz de tratar de um problema. Saber como ler um autor de filosofia é, claro, condição para vir a ser um filósofo quando crescer – mas para crescer falta algo mais. Além disso, o Fernando Rey Puente não aprendeu nada no Brasil, ele foi estudar filosofia na Alemanha. O que eu e o Gugu estamos fazendo é ensino universitário.

Aluno: Após ter entendido os conceitos de forma e matéria, substância e acidente, procuro ver estas distinções na minha realidade mesma. No trânsito, no trabalho, em casa, numa leitura, numa conversa, ou assistindo a um programa de TV, observo as coisas e faço as devidas distinções naquilo que percebo (...)

Olavo: Forma e matéria é apenas o começo. Existe uma infinidade de distinções, e daqui a algum tempo você estará fazendo todas elas. Esta capacidade distintiva se incorporará não só na sua inteligência mas na sua personalidade, de modo que você se tornará um sujeito muito mais lúcido nas situações da vida. Quando perguntam como avalio a capacitação dos alunos, respondo que vejo o que eles fazem e se estão entendendo suas próprias situações. Essa tem que ser a marca do filósofo. Ser capaz de ler um texto de Aristóteles e entender prova que alguém é bom estudante de história da filosofia. Para ser um filósofo precisa algo a mais.

Aristóteles jamais estudou a filosofia de Aristóteles: estudou a vida dos animais, a formação do Estado, o teatro grego, ele estudou coisas. Aristóteles não estudou a si mesmo, a filosofia de Aristóteles. Isso é algo criado por nós. É um nome que damos para designar o conjunto de estudos que Aristóteles fez sobre outras coisas. É por essas coisas que temos de nos interessar. Enquanto o enfoque estiver nos autores filosóficos, você estará no amadorismo mais baixo que há.

Aluno: (...) Claro que muitas vezes me equivoco, mas retomo o problema sempre que ele aparece mais claramente, de modo que a visualização destas distinções vai se aprimorando e se incorporando numa prática habitual. (...)

Olavo: Bravo! É isso mesmo!

Aluno: (...) Tive uma professora de filosofia que ensinava à turma que o conceito aristotélico de "forma" referia-se à 'disposição das partes corpóreas', sem perceber que, ainda que o conceito consistisse nisso, seria necessário que a forma desse conceito se manifestasse como tal na sua mente. (...)

Olavo: Ela está entendendo a forma apenas como estrutura anatômica, não como forma inteligível. Evidentemente isso é de um primarismo animal. O que ela entende como forma é o que um gato entende como forma.

Aluno: (...) Pelo menos tenho a certeza de estar no caminho correto. E isso me dá força para prosseguir nessa vida de estudos iniciada por causo do Curso Online de Filosofia.

Olavo: Não sei se você fez bem em largar a vida acadêmica, porque não sei se isso tem algum peso profissional pra você – espero que não tenha, porque a vida de professor universitário no Brasil é só infâmia, humilhação e um salário ridículo no fim do mês. Mas se você tem outra profissão, então você fez muito bem. Estude com quem tem alguma coisa. Se quer apenas aprender, não precisa do... A escola no Brasil não é para ensinar nada: é só para dar autorização ao exercício de uma profissão que você desconhece. Se não lhe interessa sob esse aspecto, não interessa de maneira alguma.

Aqui o próximo aluno diz também a mesma coisa:

Aluno: O mero conhecimento de temas ensinados como juízo de fato, juízo de valor, necessidade, sinceridade, conhecimento direto versus *raciocínio, origem das nossas próprias idéias, já nos torna mais atentos no dia a dia, no trabalho, fazendo leituras mesmo nas horas de lazer, para percepções sobre mim mesmo e as pessoas com as quais convivo. (...)*

Olavo: Exatamente!

Aluno: (...) Tudo isso me tem sido extremamente proveitoso. Aumentou a minha atenção em geral e, sem dúvida, a capacidade de argumentação clara e direta e, portanto, no meu trabalho. Claro que também choca perceber o

ambiente no qual eu estou inserido: individual e nacional. **[2:10]** *Minha solicitação é, se possível, a indicação de um caminho para ter acesso às obras de direito que o senhor mencionou há algumas aulas atrás sobre a ciência do direito.*

Olavo: Não tenho muitas sugestões a dar de improviso, mas há uma que recomendo: *Introdução à ciência do Direito*, de um autor espanhol chamado Luis Legaz y Lacambra. Acho que você tem que procurar pelo "Legaz" nas bibliografias, porque no espanhol o nome indexado é o do meio.

Queria lembrar uma coisa: aqui estamos abrindo muitas possibilidades – e isso tem sido a minha vida: abrir possibilidades. Muitas vezes, contudo, aconteceu o seguinte: abrimos possibilidades e a primeira coisa que os camaradas que vêm atrás querem fazer é pegar aquela possibilidade, realizá-la eles próprios e me jogar para escanteio. Isso é norma geral. Oitenta por cento dos camaradas que estudaram comigo fizeram isso, em vários setores. Por exemplo: durante dez anos fui o único que defendeu a possibilidade de um jornalismo conservador na grande mídia brasileira. Claro que isso abriu espaço, abriu espaço com o cotovelo – com o cotovelo, dando coice, cuspida –, consegui garantir um lugar. Garanti meu lugar e garanti lugar para outros. Logo começa a haver a necessidade de outros, que começam a aparecer. E o que esses caras fazem? "Bem, vamos ocupar esse lugar e vamos sumir com o tal do Olavo de Carvalho". É claro que isso não faz falta pra mim. Não é o problema de eu ficar sentido porque não reconheceram o meu trabalho – sou um sujeito incapaz de ficar sentido com o que quer que seja. Não fico sentido e muito menos ressentido. O problema é que esse tipo de conduta piora, e muito, a situação! Não há como criar uma renovação cultural política brasileira baseada na mentira e na empulhação. Não é possível fazer isso, porque mentira e empulhação é o que já existe. Se for para fazer de novo tudo apenas com o sinal ideológico trocado, é pior ainda.

Vou ser muito franco com as pessoas que criam iniciativas culturais, políticas etc.: a primeira coisa que você têm de fazer é me perguntar o que fazer. "Quero montar uma revista cultural" – muito bem, dirija-se ao Olavo e pergunte o que é uma revista cultural, qual é a função, o que ela tem que fazer. Se for fazer uma revista cultural para mostrar que você é o gostosão (e depois ser até capaz de botar o Olavo lá como um detalhezinho), você já quer falsificar tudo, meu filho! Você quer mostrar que sabe o que não sabe! Um exemplo de revista cultural maravilhosa foi a *Civilização Brasileira*, a revista cultural dos comunistas, que o Ênio Silveira fez logo depois do golpe de 64. Aquilo foi precedido de muitas discussões no Partido, foi muito bem planejado e tornou-se o órgão essencial da revolução gramsciana. Não foi feito por decisão de um sujeito.

Imagine se dentro do Partido Comunista seria possível dizer "ah, não gosto do Fulano, vamos tirá-lo..." Isso jamais aconteceu dentro do Partido Comunista. O pessoal no Partido Comunista tinha respeito pelo objetivo comum, superior, e sempre sacrificava as vaidades pessoais a isso. Testemunhei isso porque estava lá. Esse mérito eles tinham. Dentro do Partido Comunista era impossível desprezar um grande intelectual e botar uma mediocridade no lugar. Nunca se

fazia isso. Esse é um dos motivos da força que o Partido tem. No nosso meio conservador, contudo, se for para escolher entre o Olavo e o Rodrigo Constantino, o pessoal vai preferir o Rodrigo Constantino, porque ele incomoda menos. Ele sabe menos do que as pessoas, então pode ser usado como uma espécie de "menino de recados" do empresariado – eu não posso. Não dou recado para empresário. Posso ensiná-los alguma coisa. Graças a Deus, nunca houve um empresário que tentasse me "des-ensinar" o que eu deveria dizer – porque, se tentasse, eu já iria mandar tomar naquele lugar na mesma hora. Nenhum tentou, nunca. Eles não tentam, mas se sentem um pouco mal com isso. E começam a procurar esses meninos que vão dar o recado que querem. Ora, se o empresariado soubesse alguma coisa, não estaria na situação em que está, reduzido a ser *office-boy* do governo. Esse pessoal não tem capacidade e também não pergunta a quem tem capacidade. Meu filho, eu faço isso e faria de graça, com prazer, porque é para salvar o Brasil. Você não quer? Prefere se ferrar mais um pouco? Quer lamber a sua vaidade durante uns dez minutos, sentir aquela satisfação e depois afundar no buraco? Se é isso que você quer, não posso impedi-lo.

Espero sinceramente que isso não aconteça neste trabalho que estamos fazendo agora, que é muito mais profundo e sério do que tudo o que fiz no jornalismo. Espero que amanhã ou depois não surja um aluno e diga "o Olavo foi um precursor, deu a sua contribuição, mas agora temos coisa melhor." – se pensar isso, você já estará no pior. A primeira coisa que quem quer que comece um trabalho sério tem de fazer é colocar no lugar os seus antecessores. Se o antecessor for maior, o sujeito deve dizer "ele é maior". Se for menor, "ele é menor" – mas prove que é menor. Em minha vida, posso dizer que aprendi um monte de coisas com o Mário Ferreira dos Santos. Discordo de coisas do Mário, mas sei que minha obra filosófica não tem a dimensão da dele. O Mário é o maior filósofo brasileiro, sem dúvida. É o cara que fundou, é maior que o Brasil. Sei que o que recebi dele ainda vou continuar recebendo por muitos anos, não esgotei isso. E como o meu estilo filosófico é completamente diferente do dele, não tenho nem como entrar numa espécie de "competição", porque a idéia dele era fazer um grande sistema, e a minha nunca foi. A minha é resolver determinados problemas específicos, que vejo que estão "doendo".

Toda filosofia é sistêmica, querendo ou não. Dizem por aí que existem filosofias sistêmicas e filosofias aporéticas – filosofias que tentam construir um "edifício" e outras que tentam só tratar de determinados problemas. Ora, toda a filosofia é necessariamente sistêmica e aporética – isso é mais uma questão de gênero literário que de conteúdo da filosofia. É sistêmica porque vai ter de buscar a unidade de qualquer maneira; e é aporética porque não vai conseguir unidade nenhuma, vai acabar tropeçando em problemas e ter de tratar desses problemas especificamente.

No dia que você tiver feito um trabalho pedagógico que tenha a amplitude do meu e tenha resolvido tantos problemas filosóficos quanto eu, então poderá dizer "o Olavo foi o meu precursor". Claro! E eu modestamente vou dizer "sim". Mas há gente que nunca fez nada! Vou até dar um nome. Apareceu um sujeito chamado Pedro Sette Câmara que disse isto: "O Olavo foi o precursor,

mas já cumpriu sua missão, agora temos coisa melhor". Qual coisa melhor? Eu profetizo, você nunca fez e nunca fará nada! Uma arrogância desse tamanho é um pecado contra a cultura brasileira inteira. Isso é querer tirar alguma coisa e botar dentro dela, em substituição, um nada! A cultura superior é uma coisa eminentemente hierárquica. Distinguir o melhor do pior é a essência da cultura superior. Distinguir o mais importante do menos importante é a essência do ensino. Se começar por embolar o meio do campo, como o cidadão que escreveu que o Chico Buarque de Holanda é um artista das dimensões de Michelangelo... Ou se é para fazer como o Paulo Ghiraldelli, que disse que o grande gênio da filosofia foi o Michael Jackson por introduzir **[2:20]** um novo modo de utilizar os quadris e uma nova gesticulação (como se pegar no saco fosse uma grande novidade). Se já se começa por embolar tudo desse jeito, então é melhor não fazer nada!

Vejamos a hierarquia de importância, por exemplo, da literatura brasileira. Todo mundo sabe que a literatura brasileira começa e praticamente termina com Machado de Assis. Não surgiu nada melhor até hoje – é uma característica e é a estrutura da nossa literatura: há o Machado de Assis no topo e no meio. Embaixo você tem discípulos e variantes – essa é a estrutura real da coisa. Assim como a poesia portuguesa: ela tem Camões lá no começo e depois tem Fernando Pessoa um pouquinho mais para baixo, mas essa é a estrutura do negócio. É possível gostar muito de outros poetas, mas eles estão se movendo dentro desta topografia. Mas o brasileiro confunde topografia cultural com aplauso. Você já viu alguém aplaudir Camões? Não tem sentido! Sobretudo porque o sujeito já morreu – o que ele vai fazer com aplausos? Não é isso. Trata-se de ter a verdade histórica e reconstituir a hierarquia que forma a cultura superior do seu país. A mesma coisa acontece na Espanha, onde todo o resto gira em torno de Cervantes até hoje.

Ao se começar por falsificar a topografia da cultura, contribui-se para a imbecilização geral. E isso por quê? Por invejinha, ou porque ficou brabo com alguma coisa que o Olavo disse. Meu Deus do céu! Se eu conhecesse o Mário Ferreira dos Santos, fosse até a casa dele e ele me xingasse, eu, de tanto que aprendi com ele, falaria "não tem importância, não, professor, tudo bem, está tudo bem, só quero aprender mais um pouco." Ele diria "seu viado, filho da puta, sai daqui!", e eu, "está bem, está bem, professor, está bem! Eu só quero aprender mais um pouco!" – eu não iria ligar para isso. Mas no Brasil, tudo quanto é picuinha e mesquinharia tem mais importância do que é essencial. Assim não dá! É contra isso que estou trabalhando, e se for para repetir a mesma coisa com signo ideológico ou outro signo qualquer contrário, não adianta.

Aluno: Fiz a leitura do seu texto "Unidade e Percepção" paralelamente às obras de Francesco Bottin – Filosofia Medievale della Mente *e do primeiro volume da obra de Leen Spruit* – Species Intelligibilis: From Perception to Knowledge. *Acredito que o sentido desses escritos orbitem em torno do mesmo problema apresentado pelo senhor, ou seja, a relação entre a percepção humana e a unidade do real. Para ir direto ao ponto: Bottin coloca duas ordens de problemas que, poderíamos dizer, de uma forma ou de outra, representam em outras palavras o problema original que o senhor desenvolveu magistralmente:*

a relação existente entre a doutrina semântica e o estatuto intencional dos atos mentais. Dessa relação temos o primeiro problema: o problema da relação entre palavra e coisa. Desse problema penso que poderíamos citar como exemplo a famosa querela dos universais na Idade Média. O segundo problema é o da representação intencional que permite à sensação ser uma atividade consciente. Aqui penso que poderia entrar, a título de ilustração, toda a tradição das discussões em torno da gnoseologia aristotélica que poderíamos resumir na doutrina das Species Intelligibilis *– forma inteligível – e o estatuto de noções como espécies inteligíveis: espécies sensíveis, percepção, intuição, representação, sensação, consciência, autoconsciência. Quanto ao primeiro problema, de uma doutrina semântica ou da relação entre palavra e coisa, o senhor pensa que a teoria dos quatro discursos resolve o problema? (...)*

Olavo: Não, não penso não, porque ainda falta muita coisa. Você precisa ver que a teoria dos quatro discursos só aborda a linguagem do ponto de vista dos graus de credibilidade. Mas existem outros ponto de vista possíveis. Uma vez eu até comecei a fazer vários diagramas que articulavam a teoria dos quatro discursos com a teoria dos gêneros literários (eu acho que a teoria dos gêneros literários está no livro *A Dialética Simbólica*, não é? Eu acho que entrou na *Dialética Simbólica*) com a teoria do Aristóteles e do Frye a respeito do que ele chama "os modos literários" e com vários outros esquemas que os filósofos foram desenvolvendo ao longo do tempo. Acho que é preciso cruzar tudo aquilo. Se você leu a teoria dos quatro discursos e a minha teoria dos gêneros literários, agora articule uma coisa com a outra. Alguma articulação existe, mas nem eu mesmo sei onde ela está. Sei mais ou menos. Então precisaria fazer isso e articular esses vários pontos de vista pra daí ter essa relação entre palavra e coisa. *Alguém aqui me pergunta se a questão das castas, se a teoria das castas se articula aí.* Digo que se articula simbolicamente, com a questão dos quatro elementos. Tem uma série de aulas que dei no Rio de Janeiro sobre a analogia estrutural entre a questão da teoria dos quatro discursos e os quatro elementos da física antiga, vista de uma maneira direta ou inversa. Essa analogia não é casual, mas ela não é absolutamente necessária para você entender a própria teoria dos quatro discursos.

Aluno: (...) Quanto ao segundo problema, o senhor acredita que a caracterização da vida psíquica como intencional, como colocam alguns escolásticos e modernamente Bertrand Russel, é correta? (...)

Olavo: Bem, é correta tecnicamente, mas colocar toda a atividade psíquica como intenção, isto é, como referência a um objeto, eu acho que é muito pouco, porque você tem de também inserir essa vida psíquica no sentido da participação – algo que Eric Voegelin leva muito em conta. Não há aqui uma mente e ali um objeto que estão ligados por uma intencionalidade, quer dizer, uma referência da consciência ou objeto. Consciência e objeto estão dentro de um campo total de inteligibilidade sem o qual não existiria nenhum outro. Acabei de falar disso no negócio da eternidade. Se fosse só consciência aqui e objeto lá, sem o meio inteligível, o meio "luminoso" (como dizia o filósofo polonês Wroński), haveria apenas percepções atomísticas e uma consciência atomística. Toda aquela atividade psíquica que não é referida pelo menos implicitamente à dimensão de eternidade não tem dimensão cognitiva. Aí

estou com São Boaventura: Nada se conhece fora de Deus. É o conhecimento em Deus. Ou isso, ou nada.

Aluno: (...) o próprio Brentano afirma que a característica essencial dos atos psíquicos é a sua intencionalidade. (...)

Olavo: Do ponto de vista funcional sim. Quer dizer que você não pode falar de uma atividade psíquica se não existir uma referência a um objeto de conhecimento. Por exemplo, por que uma dor de barriga não é uma atividade psíquica? Porque ela não é uma dor de barriga a respeito de alguma coisa. Agora, um sentimento você tem por alguma coisa. Se você fica triste, essa tristeza remete a um objeto que é tomado pelo menos como causa, ocasião ou pretexto da tristeza. Do ponto de vista funcional acho que o Brentano, e toda a escola fenomenológica, estava certíssimo: sem intencionalidade, não há vida psíquica. Mas essa intencionalidade tem dimensão cognitiva? Só se estiver enganchada, de algum modo, na dimensão da eternidade, senão não é cognição. É apenas um bichinho conhecendo o seu *umwelt* dentro, ainda, de uma dimensão totalmente subjetiva.

Aluno: (...) Edmund Husserl na sua Quinta Investigação Lógica *retoma essa tese e a critica, pois a noção brentaniana da* **[2:30]** *representação e do fenômeno é deveras ambígua para Husserl e daria margem a interpretar erroneamente a relação de uma sensação ou da consciência de uma sensação, ou, como o senhor mesmo pontuou em outro contexto, a intuição é necessariamente acompanhada de autoconsciência senão se confundiria com a pura e simples sensação corporal (...).*

Olavo: Como eu escrevi na “Nota Sobre Charles S. Peirce”.

Aluno: (...) Agora me surgem algumas dúvidas: Esta intuição é direta e segue simultaneamente à presença do ser ou ao conhecimento por presença como o senhor costuma pontuar? (...)

Olavo: Note bem: o conhecimento por presença também só existe dentro dessa dimensão da eternidade. Quer dizer, não é um simples objeto que, por sua presença, me infunde com o seu conhecimento. Não é isto. Não é só o objeto que tem de estar presente. É a estrutura inteira da possibilidade, a presença do *logos*, a presença da ‘versão’ cognitiva da onipotência. É isso o que me permite conhecer. No entanto, se você quiser arrumar outro ponto de partida para a filosofia se não esse que o Hugo está propondo... Ih! você vai arrumar problema sem fim! E quando você arruma um negócio que não tem solução e gera problemas e problemas infindavelmente, as pessoas hoje acham maravilhoso e dizem: “Isso é fecundo!” – quer dizer que arrumar problemas agora virou fecundidade! Então um vírus de computador é enormemente fecundo, porque ele cria problema que não acaba mais! E acho que não estamos precisando tanto de problemas, não é isso?

Aluno: (...) Essa intuição é direta e segue simultaneamente a presença do ser ou o conhecimento por presença sem necessidade de nenhuma representação ou intermediário entre a realidade física e a realidade psíquica?

Olavo: Não estou seguro de que entendi a sua pergunta. A presença do ser não é representável. É dentro dela que se dão todas as representações. Quer dizer, com ou sem representação, digamos que é a presença do ser que permite a atividade cognitiva e, inclusive, a intuição. Eu antigamente achava que a intuição era o começo de tudo. Depois falei: “Não, espera aí! A intuição não pode acontecer (pelo menos não acontecer com valor cognitivo), a não ser dentro da presença do ser”. Mas o que é a presença do ser? Em última análise é o senso da eternidade. Então esse senso da eternidade está continuamente agindo sobre nós. E é esse o mesmo que a Igreja chama da ação do Espírito Santo. Quer dizer que o Espírito Santo tem duas funções: uma é de trazer mensagens divinas e a outra é simplesmente manter a inteligência funcionando. Se a inteligência se desliga do Espírito Santo, ela não está entendendo, não está *conhecendo* mais! Não está agindo, está se agitando, apenas! E é claro que esta ação do Espírito Santo independe até da presença atual de atividade psíquica. Porque a atividade espiritual transcende a psíquica. A atividade do espírito consiste em possibilitar a atividade cognitiva da mente humana. Você pode estar adquirindo possibilidades num instante em que não está pensando nada – quando você está dormindo. Aliás, se pensarmos bem, no estado de sono profundo é uma boa hora – não tenho certeza, mas me parece que sim – para o Espírito Santo agir, porque não interferimos. Existe conhecimento neste estado de sono profundo? Sim, existe uma imensidão de conhecimento – sem a atividade psíquica correspondente.

Eu acho que o problema de toda a escola fenomenológica (Brentano, Husserl e todos os outros) é que eles partem da consciência, e tudo pra eles gira em torno da consciência. Não se perguntam pela possibilidade, a mera possibilidade da consciência. A consciência não aparece sozinha, existe algo que a possibilita. Então, como não conseguem, por mais que se investigue, achar a raiz material da consciência (por exemplo, o pessoal que investiga o cérebro descobre coisas e mais coisas sobre o cérebro, e a relação entre cérebro e consciência fica cada vez mais enigmática), as pessoas reagem a isso partindo pro lado contrário e dizendo: “A consciência que é tudo. A base material é apenas uma necessidade existencial, e não essencial. Afinal de contas, base material é somente mais um estado de consciência, é só mais um objeto intencional: o corpo material é apenas mais um objeto intencional”. É nisso a que chega Husserl: a consciência é tudo. Porque ele só está admitindo duas dimensões, ainda está dentro do dualismo cartesiano: coexistência e coisa pensante. Mas isso não é uma solução, é um problema, um abacaxi! A partir do momento em que há uma coisa pensante e uma coexistência, não vai ser mais possível colar as duas, nunca mais. Então existe algo por trás que possibilita as duas.

Se eu vejo uma coisa material qualquer, um objeto – uma planta. Consigo reconhecer a forma inteligível desta planta. Consigo, ao mesmo tempo, perceber essa forma inteligível como um elemento estético que se harmoniza com milhões de outras formas. Consigo perceber que, para além disso, a planta tem uma estrutura interna, tem toda uma fisiologia, por assim dizer. Quando estou percebendo tudo isso, estou evocando em mim as qualidades correspondentes sem as quais não poderia perceber nada disso. Estou

integrando esta percepção exterior dentro do meu mundo interior, o qual, por sua vez, é articulado pelo senso da eternidade. Estou recolocando subjetivamente, para mim, essa planta dentro do esquema geral da eternidade, onde ela sempre esteve. Reconheço uma coisa que sempre esteve aí. E reconheço na hora em que essa forma externa me diz alguma coisa. Tanto faz olhar a planta para desenhá-la como um pintor ou para estudá-la como um botânico. É a mesma coisa. Se os conceitos da botânica e toda a história da botânica não estivessem vivos dentro de você, aquela planta não diria nada. Mas a botânica se sustenta como conhecimento em si? Não, ela se sustenta em toda a linguagem humana usada para expressá-la, sustenta-se numa infinidade de conceitos e percepções que estão aí disseminados por toda a cultura e que dão sentido àquela atividade. E tudo isso vai culminar no senso de eternidade. Portanto, conhecer o que quer que seja é conhecê-lo *sub specie aeternitatis*. A intencionalidade aí é apenas o mecanismo pelo qual descrevo a ligação entre minha consciência e o objeto. Só que essa ligação não pode ter efetivo valor cognitivo se se esgotar numa relação de consciência e objeto. Porque se isso tivesse valor cognitivo, estaria se supondo que existe uma consciência atomística tomada num momento qualquer da existência separada de tudo quanto veio antes e depois. Ou seja, isto não é uma consciência: é uma hipótese abstrata. Então existe uma consciência abstrata que está conhecendo um objeto separado, que também é abstrato, separado de sua história, separado de seu futuro, separado de tudo o mais. E existe conhecimento aí? Veja, você está dizendo que uma coisa que não existe está conhecendo outra que também não existe.

Aluno: Olavo, então é esse encaixe na estrutura do ser o que pode fazer com que uma intenção, como a de um sentimento ou de uma emoção, também tenha valor cognitivo?

Olavo: Claro. Se a coisa é vista *sub specie aeternitatis*, tem um valor cognitivo imenso. Quando **[2:40]** o seu sentimento está refletindo a ordem efetiva das coisas culminando na eternidade, você está vendo a realidade, meu Deus do céu! Mais do que se você estivesse fazendo uma teoria científica separada do senso da eternidade. Quer dizer, entre um mero sentimento fundado no senso da eternidade e uma ciência sem a ligação com ela, é claro que o sentimento está mais na realidade do que a teoria!

Aluno: Gostaria que o senhor dissesse, dentro daquele contexto da unidade das suas investigações, algo sobre o texto "Questões de Simbolismo Geométrico", publicado em 1983 num livro raríssimo, Universalidade e Abstração *(...)*

Olavo: Alguns dos textos de *Universalidade e Abstração* foram reproduzidos n'*A Dialética Simbólica* e outros ainda o serão nos volumes subseqüentes de estudos que serão publicados pela É Realizações. O problema desses escritos é o seguinte: naquela época eu era um aspirante e depois me tornei um membro da tarica do Sr. Frithjof Schuon. Eu estava ali querendo mostrar serviço. Queria agradar ao guru para que ele me aceitasse como seu discípulo. Portanto, eu escrevia como o pessoal dos estudos tradicionais. Imitava-lhes o estilo, o modo de pensar... Então eu vejo que tudo isso hoje me soa falso – ainda que esteja certo! Mesmo que o que eu diga esteja certo, a perspectiva está um pouco

falseada, não sou exatamente eu quem está dizendo isso – é um aspecto da minha pessoa que está querendo parecer agradável a um guru. De fato consegui parecer agradável, porque eu fui aceito na tarica de primeira. Tinha gente fazendo doze anos que todo ano ia lá pra fazer... Os caras leram as coisas que escrevi e disseram “este cara está dentro”. Isso significa que a minha *forma mentis* estava adequada àquilo. Depois descobri que perdi meu precioso tempo. Quer dizer, não perdi tudo não, aprendi muita coisa, na verdade.

Aluno: (...) Lembro de, no True Outspeak, *o senhor já ter dito algo sobre por que ter feito esse estudo (...).*

Olavo: De fato, a inspiração remota do estudo foi um simples problema que encontrei no terceiro ano do ginásio. Foi o momento em que a minha compreensão do que se passava acabou. Dali para adiante eu não entendi mais nada. Se hoje sou um filósofo, é porque tenho naturalmente uma mente sistêmica – busco a unidade, a coerência em tudo. Quando inventei o negócio do “trauma de emergência da razão”, foi, em parte, baseado no meu próprio caso, porque vi que era capaz de levantar problemas para os quais precisava de “apenas” quarenta e cinco anos para solucionar. Quer dizer que percebia os problemas: tinha capacidade racional de estruturá-los, mas não tinha a menor condição de solucioná-los. Via que isso acontecia não só comigo, mas com outras pessoas. Elas tinham problemas (e não apenas problemas de ordem cognitiva, mas problemas existenciais) que só percebiam porque tinham o uso da razão. Mas essas pessoas não tinham a menor condição de “funcionar” porque a esquemática da razão já lhes havia sido dada no próprio cérebro. E os conhecimentos requeridos para operar com tudo aquilo? E a experiência da vida? Faltava tudo isso!

A razão é como uma cruz que a gente carrega. Naquele momento, quando o professor me disse que um ponto não mede nada e que uma reta se compõe de vários pontos, eu entendi não apenas que havia um absurdo, uma contradição absolutamente inaceitável ali, mas que a ordem inteira da pedagogia na qual nós estávamos sendo ensinados se baseava na ideia de aceitar um absurdo disciplinarmente para depois poder entender alguma outra coisa que jamais iria retroagir sobre aquele absurdo e explicá-lo. Exatamente como na física de Newton: você “engole” esse negócio de tempo absoluto, esse negócio de espaço absoluto (os quais não existem, isso é um contrassenso), mas fazendo isto, você vai aprender a medir direitinho a relação entre as massas etc. É claro que é um ganho desde que se saiba que ficou um absurdo (originário). Dá pra fazer uma analogia com o negócio do René Girard – a comunidade que nasce de um crime originário que em seguida é ocultado: vai ficar sempre aquele trauma, aquela sujeira vai ficar lá. E, salvo engano, o Cristo veio justamente para nos libertar disto: “Seu crime não serve para fundar nada!” – quem tem a autoridade fundante é a vítima sacrificial e não o sacrificante. Nessa ordem cognitiva temos de fazer a mesma coisa. O seu absurdo originário, ainda que leve a consequências científicas espetaculares, será sempre um erro, um absurdo e sempre um pecado do espírito. Se você se mantiver atento durante todo o desenvolvimento do estudo que estiver fazendo, atento à consciência da absurdidade originária, e disser: “Isto aqui é

apenas uma regra de jogo. Vamos postular uma coisa absurda só pra ver no que dá, e depois a gente volta aqui”, e se fizesse isto, estava tudo certo, mas geralmente não fazem.

Esse problema me apareceu quando tinha, acho, uns doze ou treze anos. E naquele momento eu tomei uma decisão que foi seríssima para a minha vida: “Eu não vou estudar esta coisa, não quero aprender isso. Recuso-me terminantemente a aprender qualquer coisa que tenha de engolir como uma disciplina, porque vou aprender geometria mas vou desmantelar a minha inteligência. Não vale a pena”. Diziam “mas você precisa para passar de ano!” Não, minha inteligência vale mais do que passar de ano, desculpem-me. Vou preserva a integridade da minha inteligência porque, se eu me afasto demasiado daquilo que é intuitivo para mim (posso fazer isso, como uma espécie de jogo construtivo, mas até onde irei neste jogo construtivo, para depois retornar atrás? Se eu começar a gostar do jogo no meio, não vou mais querer voltar atrás. Então daí vou aprender um montão de geometria com a condição de não entender o que é geometria), então eu não quero. Como diria meu cunhado, “isso aí é simples: se você ensinar um macaco, ele aprende”. Estamos sendo ensinados como macacos! É esse o ideal, é isso o que eu quero ser quando crescer? De jeito nenhum! Quero ser um sujeito que entenda aquilo que está estudando! Então eu falei: “Eu prefiro sacrificar essa disciplina mas continuar pensando no assunto por outras maneiras, de modo que eu possa entender”. E aos trinta e oito anos de idade eu fui entender as relações entre o espaço real e as figuras da geometria euclidiana. Daí escrevi “Questões de Simbolismo Geométrico”, o que me tirou um peso da cabeça. Esse problema deve ter ocorrido para muitas pessoas, mas elas sentem o problema e em seguida dizem “mas o que importa é passar de ano”. Daí é o seguinte: você jamais será um filósofo. Se você decidir ser um filósofo, vai parar de aprender geometria ali mesmo e dizer “enquanto eu não entender, não passo adiante”. E você vai repetir de ano mas vai ser um filósofo. Foi um sacrifício consciente que eu fiz.

Aluno: (...) O senhor quase trinta anos depois subscreve naqueles termos a questão do ponto, da reta, da... (...)

Olavo: Subscrevo sim. Acho que posso ter aprofundado um pouco a coisa, mas aquilo ali está certo. Não há uma noção intuitiva de ponto. Ponto é uma construção mental! O que há é uma noção intuitiva de espaço, isso sim. Então se deduz o ponto das propriedades do espaço e não o contrário! Exatamente o que eu fiz é também o que Platão fez no negócio da origem dos sólidos geométricos **[2:50]** – ele também usa um processo como eu usei, só que muito mais elegante, claro.

Aluno: (...) Eu pergunto por quê. Como o senhor sabe, aquele seu comentário sobre o Georg Cantor e os conjuntos infinitos (que deixou um físico lá de Pernambuco, sei lá, muito puto da vida – mas também não passou disso), para algumas pessoas (físicos, matemáticos e engenheiros que estudaram a vida inteira isso e deixaram passar batido esse paradoxo), que não tem a perspectiva metafísica, enfim, para esses caras, a sua interpretação é absurda!

Olavo: Claro! Porque eles estão falando do seu jogo combinatório e eu estou tentando falar de um negócio que se chama realidade. Para eles não tem importância se tudo o que estudaram na vida não tem relação com a realidade. Não tem a menor importância porque aquilo é eminentemente uma ocupação profissional. É um joguinho do qual participam, dentro de uma comunidade que os considera muito inteligentes por isso; e todo o objetivo da coisa é meramente social e profissional. No momento em que empaquei na questão do ponto, eu sabia que estava danificando seriamente a minha carreira social e profissional. Tanto que no ano seguinte tive de sair da escola, eu não estava aguentando mais! E a coisa piorou a hora que a professora de português nos deu para ler *A Moreninha,* de Joaquim Manoel de Macedo. Eu li dez páginas e falei: “Eu não vou ler isso aqui!” – “Mas você vai repetir de ano” – “Eu não vou ler! Isto é uma bobagem e não quero perder meu tempo com isto”. Meus filhos, eu tinha razão! Aí falaram: “Então você vai tirar zero.” E eu respondi: “Manda ver o zero!”

Foi um momento decisivo da minha vida, vocês mal imaginam quanta pressão, de todo lado, que veio sempre no mesmo sentido. Falei: “Eu tenho que escolher! Ou aceito o adestramento disciplinar e abdico da minha capacidade de compreender, ou fico com a capacidade de compreender e vou ter que retardar o meu adestramento disciplinar. Se eu tiver de trabalhar como varredor de rua mas nas horas vagas puder estudar as coisas de maneira que eu entenda, eu prefiro!” – eu não tenho grande ambição social. E não tenho grande ambição social porque nasci semimorto, minha gente! Qualquer porcaria era lucro para mim! O que é que eu poderia querer? Pra mim tudo era maravilhoso, qualquer coisa que viesse. Por exemplo, marcaram-me os oito anos de idade: comecei a correr, pular, subir em cima da casa... Aquilo era uma maravilha – para outros moleques era uma banalidade, mas pra mim era uma maravilha! Então eu estava muito satisfeito, estava muito feliz, não precisava de mais nada! A ideia de ter uma ambição social, profissional, nunca me passou pela cabeça. Os moleques concebiam carreiras inteiras: “O que você vai ser? Eu não tenho a menor idéia!” Acho que praticamente todas as questões que eu viria tratar depois já apareceram para mim naquele momento. Dizia o Fulano: “Tenho que decidir o que vou ser quando crescer – e mais: tenho que decidir *se* vou crescer”. Falei: “Não, não vou crescer, vou ficar aqui mesmo. Prefiro crescer mais devagarinho mas ir entendendo os passos”.

Naquele tempo eu já via no ensino tanta bobagem, tanta coisa a qual eu achava uma crueldade submeter os meninos... Outra decepção que tive: Um dia, estava lendo na aula de inglês (que estava muito chata, e então peguei um livro para ler: um estudo sobre a técnica poética do Cassiano Ricardo – que não era lá um grande poeta mas que tecnicamente era esplêndido). Eu estava lendo aquilo interessadíssimo, mas então a professora me pegou no pulo e catou o meu livro, louca da vida. Até aí tudo bem, era meio justo. Só que daí, no dia seguinte, ela disse: “Mas que livro esquisito aquele que você estava lendo, que coisa mais estranha. Nós, na sala dos professores, temos outros livros, mas que negócio estranho!” – aquilo pra mim foi um choque. Pensei: “Espera aí, esse é um livro de análise literária. Como é que a professora de inglês não sabe o que é isso? Esses caras são todos uns semianalfabetos e estão aqui nos enganando!” – e eu podia ver isso porque tinha outros

professores que sabiam do que estavam falando! Só que eram minoria e eram todos velhinhos. Notei que alguma coisa estava acontecendo, alguma coisa se perdia ali. Via o meu professor de latim, José Hildebrando Bretas, um sujeito que dominava o negócio que era uma coisa maravilhosa! Ele sabia tudo, sabia o que estava fazendo! Via o meu professor de história, Francisco de Almeida Magalhães, já velho gagá e semi-cego, mas que sabia a história do mundo de cor, sabia de tudo que tinha acontecido! Aquilo era uma maravilha! E depois vem uma cretina, que não conseguia ler um livro de análise literária e estava ali ensinando uma língua? Falei: “Pô, estou ferrado aqui! Se eu tentar agradar essa gente, terei de fazer tanta falsidade, tanta mentira, tanta palhaçada, que isso vai danificar a minha pobre inteligência!” Eu não tinha aquela capacidade de viver em dois planos ao mesmo tempo, nunca fui bom ator – até hoje!

Isto é uma coisa que é muito importante pra mim: o que quer que eu faça em público, diante de vocês, deve ser exatamente o que sou na minha casa. Aqui a minha mulher e minha filha são testemunhas. Só tem duas coisas que não posso mostrar em público, que é esse negócio de transar e de defecar. Tirando isso (e se me encherem muito, um dia eu mostro até isso), sou aquilo que sou na minha casa, não quero ter duas personalidades. Uma só já me dá trabalho! Eu já me atrapalho com uma só, imagina com duas? Então ali eu tive de tomar essa decisão. Tudo de que falo, estou falando do ponto de vista cognitivo integral, estrito, rigoroso e sério. Não tem jogo nessa brincadeira. Agora, todas as profissões têm um jogo. Você aprende a jogar aquela regra e aceita um milhão de coisas que não fazem o menor sentido, mas que são o código da comunidade. Então você ali é aceito dentro da comunidade. Isso toda profissão tem! As profissões científicas, sobretudo, são cheias dessas coisas! Eis o motivo pelo qual eu não estou em nenhuma delas e Deus me livre de estar! Eles querem é exercer aquilo e mostrar habilidade sem precisar compreender. Agora, se eles não estão tentando sequer compreender, como é que vão contestar o que estou falando? Você pode dar uma resposta matemática ao que eu disse sobre Georg Cantor? Não, não tem resposta matemática, isso é uma questão filosófica! Toda a matemática do mundo não vai responder a isso aí, e assim por diante!

Outro dia, um sujeito me escreveu um recado: “Você falou do Dawkins, mas não estudou a fundo a teoria dele sobre a evolução” – de fato, meus conhecimentos a respeito são muito deficientes. Mas tem uma coisa que eu conheço, que é a teoria da prova – a lógica da ciência –, e sei que as coisas que ele diz não passam por esse teste. Aliás, no primeiro método já caem! Por exemplo, ele quer demonstrar a teoria dele através da genética. Então, querendo demonstrar que a genética prova a evolução, Dawkins define um gene como aquilo que é capaz de produzir evolução. E depois, é claro, fica provada a evolução com base na genética. Meu filho, isso aí é “lalda um”. Não sei se o pessoal sabe a história da “lalda um”: O meu ex-cunhado estava testando “foquinhas” – aspirantes a jornalismo na Folha de São Paulo. Então chegou uma garota lá, botou o papel na máquina de escrever (naquele tempo não era computador) e escreveu assim: “Lalda um”. E ele falou: “Acabou o teste!” – e mandou a menina embora. Então isso aí é “lalda um”. Não entendo muito de biologia, de fato, mas entendo de lógica! E sei que isso aí não pode. Não importa se o que você está fazendo é biologia, geologia, história, o raio

que o parta, isso não pode! E o Richard Dawkins passou a vida inteira estudando biologia, então sabe um monte de biologia, só que o seguinte: é ilógico o que ele disse. Você não precisa estudar o assunto a fundo. Talvez o que ele esteja dizendo tenha alguma verdade, mas não dá pra saber. Nos termos em que ele colocou, nunca vai dar para saber!

Bem, eu acho que hoje não dá mais tempo de responder nada. E também já falei demais, **[3:00]** ainda continuo estragado pela minha gripe, então vamos descansar. Muito obrigado a todos e até a semana que vem.

Transcrição realizada por: Eduardo Afonso Aguiar, Gilberto Luiz Bezerra, Julio Belmonte, Luiz Alberto Afonso do Santos Jr., Klauss Tofanetto

Revisão realizada por: Rodrigo Dubal